

Revista 16

Directora y editora

Lic. Susana C. Signorelli (Argentina)

Consejo Editorial

Lic. Esperanza Abadjeff (Argentina)

Lic. Teresa Glikin (Argentina)

Dra. Marta Guberman (Argentina)

Prof. Emilio Romero (Brasil)

Prof. Ana María López Calvo (Brasil)

Prof. Myriam Protasio (Brasil)

Dr. Miguel Mahfoud (Brasil)

Dr. Alberto de Castro (Colombia)

Dr. Yaqui Martínez (México)

Dr. Ramiro Gómez (Perú)

Dr. Pablo Picerno (Ecuador)

Dra. Ana María León Tapia (Ecuador)

Prensa y difusión internacional

Mtra. Gabriela Flores (México)

Diseño de tapa e interior

Mendez Matias

Editorial

Fundación CAPAC

Dirección administrativa

Álvarez Jonte 456 – Ramos Mejía – Prov.
de Bs. As. C. P.: 1704 – Argentina.
Teléfono: (00 54 11) 4658-5441

Correo electrónico:

funcapac@fibertel.com.ar

funcapac@gmail.com

ISSN: 1853-3051

Año 8 - Nº 16 – Abril de 2018

Revista virtual semestral de ALPE (abril y octubre de cada año)

Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial

Próximo número: Octubre de 2018

Auspician Fundación CAPAC(Argentina), IFEN (Brasil), CEPE (México), APPFE (Perú) CEPPs Psicólogos (Ecuador)

Comisión Directiva de la ALPE

Presidente: Yaqui Martínez

Secretaria: Myriam Protasio

Tesorera: Marta Guberman

Vocal titular primero: Alberto de Castro

Vocal titular segundo: Ana María López Calvo de Feijoo

Vocal titular tercero: Ramiro Gómez

Vocal suplente primero: Teresa Glikin

Vocal suplente segundo: Gabriela Flores

Vocal suplente tercero: Esperanza Abadjeff

Revisor de cuentas: Max Jiménez

Revisor de cuentas suplente: Ana María León Tapia

Miembros de honor:

Emilio Romero (Brasil)

Pablo Rispo (Argentina) (post mortem)

Presidente honorífica:

Susana Signorelli

Miembros correspondientes:

Emilio Spinelli (UK)

Emmy van Deurzen (UK)

Comisión Asesora:

Emilio Romero

Susana Signorelli

Sumario

Editorial. <i>Myriam Protasio.</i>	pág.3
Objetivos y normas para publicación	pág.5
Convocatoria de ALPE	pág.7
Acerca del II Congreso Mundial. <i>Susana Signorelli.</i>	pág.11
Logoterapia y vida. <i>Estela Spano.</i>	pág.13
W. Dilthey e a fundação das ciências do espírito e dos fundamentos de uma psicologia compreensiva e hermenéutica. <i>Emilio Romero.</i>	pág.16
Análisis cualitativo del encuentro terapéutico en el caso de un paciente con rasgos esquizoides. <i>J. Flórez, D. Arrieta y A. De Castro.</i>	pág.24
Comentario del libro. <i>Emilio Romero</i>	pág.36

Editorial

Podemos admitir que o movimento existencial em psicologia se fortalece a partir da organização do livro *Existência: nova dimensão em psiquiatria e psicologia*, organizado sob os esforços de Rollo May, Ernest Angel e Henri F. Ellenberger (1958/1977, editores). Inseridos na dúvida e na insegurança impetradas pela tensão entre os sistemas conhecidos acerca do homem em sua existência e o encontro com o cliente, aquela pessoa com características próprias que se encontrava diante do profissional psi (psiquiatra ou psicólogo) em busca de ajuda, estes estudiosos recorrem a precursores tais como Binswanger, Kuhn, Jaspers, entre outros, os quais encontraram respostas, inicialmente, na fenomenologia e, em seguida, no existencialismo (May, 1977¹). Para May, a existência destes estudos, realizados em países diversos, era sinal suficiente de uma necessidade que transcendia seus países de origem e os unia em busca de novas dimensões para compreensão do acontecimento clínico.

May (1977) afirma que o movimento existencial em psicologia e psiquiatria brotou de questionamentos em relação aos métodos científicos naturais, que “tendían a velar más bien que a revelar lo que passaba en el paciente” (p. 25). Mas, também, em protesto “contra la tendencia a vestir al paciente com trajes cortados a medida de nuestros prejuicios o a formarlo a imagen de nuestras predilecciones” (p. 25). Tal projeto só pode vir a cabo a partir da dicotomia entre sujeito e objeto, dicotomia esta que sustenta teorias infundáveis no sentido de unir aquilo que foi separado. O que faltava era um encontro genuíno com a existência, para além de todo intelectualismo, de forma a colher o homem não como substância ou mecanismo, mas como existente, emergente.

O que está no cerne deste esforço é a “crise da subjetividade moderna” (Feijoo, 2011²), ou seja, o esvaziamento do projeto de um sujeito autônomo e suficiente que, ancorado na razão, posiciona os objetos. Esta crise tem lugar, inicialmente, na filosofia que será, posteriormente, chamada de Filosofia da Existência. Filósofos que, avessos a seguir um esquema na tentativa de provar a veracidade de suas ideias, buscam aquele momento mais originário, anterior ao pensamento, onde a cisão ainda não fora impetrada. São estes autores, Kierkegaard, Nietzsche, Husserl, Hei-

degger, Sartre, entre outros, que estarão no fundamento dessa corrente de pensamento.

O que vemos surgir é um movimento que aspira por um método não científico-natural na visada do fenômeno. Este movimento em psicologia tem sido denominado de fenomenológico-existencial, cuja aspiração por constituir-se na contramão das correntes essencialistas persiste até hoje e se dedica a fundamentar a psicologia e a psiquiatria sobre pilares não científicos, não deterministas e não subjetivistas. Esforços têm sido dispendidos, colocando a psicologia em diálogo com a filosofia e a literatura, conforme defende Feijoo (2017³), com o propósito de constituir seus fundamentos em outras bases e de forma a ancorar um pensamento em psicologia que prescindia dos métodos científicos naturais e de compreensões prévias acerca do homem. Resta saber se, nestas novas bases, alcançou-se um modo único de fazer psicologia.

Ora, sabemos que a psicologia não é uma ciência unívoca. Ao contrário, constitui-se numa diversidade de matrizes pois, como nos diz Figueiredo (2000)⁴, “A diversidade instalou-se no seio da psicologia no exato momento em que a disciplina nascia” (p.195). E, a despeito dos inúmeros autores que vislumbraram sua unificação, seja por meio de métodos ou de teorias, este sonho jamais chegou a se concretizar. Ao contrário, até hoje multiplicam-se os caminhos.

Isso que se deu na tradição da psicologia científico-natural, aconteceu também no cerne das tradições fenomenológico-existenciais, as quais assumem diferentes fazeres e dizeres. Como afirma Feijoo (2017), a diversidade que acontece no seio de toda a psicologia não seria diferente no campo das psicologias fenomenológico-existenciais (p. 20). Cabe perguntar: seria essa diversidade um defeito? Precisaríamos encontrar um modo unívoco de fazer psicologia? E, ainda, seria isso possível?

Tal vez devêssemos começar por pensar em que horizonte nasce este propósito e considerarmos que estas questões surgem no âmbito da pretensão por igualdade e recusa pela diferença. E mais, que tal recusa se constitui em uma recusa da vida, que acontece em diversidade. Han (2017⁵) assinala que a recusa pelo diferente é, na verdade, a recusa pelo outro: “el otro como misterio, el otro como seducción, el otro como eros, el otro como deseo, el otro como infierno, el otro como dolor...” (p. 9). Ele afirma, ainda, que o solo, o campo onde surge essa recusa, é o medo e a

¹ May, R. (1977). Orígenes y significado del movimiento existencial en psicología. Em R. May, E. Angel, & H. R. Ellenberger (Eds.), *Existência: nueva dimensión en psiquiatria y psicología* (C. S. Gil, Trad., pp. 19-57). Madrid: Editorial Gredos.

² Feijoo, A. M. (2011). *A Existência para Além do Sujeito: A crise da subjetividade moderna e suas repercussões pra a possibilidade de uma clínica com fundamentos fenomenológicos-existenciais*. Rio de Janeiro: IFEN.

³ Feijoo, A. M. (2017). *Existência & Psicoterapia: da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial*. Rio de Janeiro: IFEN.

⁴ Figueiredo, L. C. (2000). *Marizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.

⁵ Han, B.-C. (2017). *La expulsión de lo distinto*. Barcelona: Herder Editorial.

alienação, pois preferimos a ilusão da certeza, ao risco. Mas, o encontro com o diferente, seja do outro ou de nós mesmos, implica sempre em risco, ou melhor, em experiência. Diz, ainda, Han (2017), recorrendo a Heidegger: “Lo que constituye la experiencia en un sentido enfático es la negatividad de lo distinto y la transformación. Tener una experiencia con algo significa que eso ‘nos concierne, nos arrastra, nos oprime, nos anima’” (p. 12). Assim, o diferente não apenas nos apresenta o outro, mas nos abre um campo para transformação.

O modo como as coisas nos afetam ou nos arrasta é diverso, admitindo uma linguagem também diversificada. Se, no esforço por nivelamento, tendemos a reduzir a linguagem aos seus aspectos objetivantes e objetiváveis, na linguagem que admite o diferente outras vozes se fazem presente, vozes da filosofia, da poesia, da literatura, da arte, vozes que, ao se demorarem em seus elementos nos abrem e nos sensibilizam para o estranho, para o outro. Não se trata de uma exclusão, onde o método e o pensamento objetivo não têm lugar, mas de admitirmos outras falas além da linguagem mais objetiva, de modo a que o espaço para o novo fique resguardado. A psicologia como um todo, e as psicologias existenciais, em especial, podem conviver sem perder suas especificidades, suas singularidades, afirmando-se a cada vez como *poiesis*, como criação.

Desde que Rollo May (1977) afirmou que a psicologia existencial não era uma escola a mais, mas uma abordagem sobre os seres humanos e uma atitude cuja preocupação era compreender a estrutura do ser humano, muitos caminhos vêm sendo trilhados. Tanto no sentido de elucidar o método de pensamento que possa sustentar as pesquisas fenomenológicas, como no sentido de realizar investigações fenomenológico-hermenêuticas em clínica. Retomando nosso tema da diversidade da psicologia que costumamos designar por existencial, afirmamos que o importante é considerarmos, em cada estudo, em cada artigo, se as bases daquele modo de fazer psicologia são esclarecidos de forma rigorosa, expondo os seus fundamentos e o modo como estes se desdobram naquele modo específico de fazer psicologia. Cremos que, do resguardo desta condição, se torna possível a convivência com as diferenças. E mais, que essa convivência pode proporcionar uma experiência, ou seja, pode nos transformar.

É neste espírito que apresentamos este novo número da revista *Alpe*, o 16, como mais um conjunto de vozes da psicologia clínica na perspectiva da existência. A ALPE, como entidade que congrega a diversidade das psicoterapias existenciais na América Latina, nos abre a esta diversidade. Ainda mais agora, em que aguardamos o II Congresso Mundial de Terapia Existencial que traz o título “Angustia y culpa en tiempos de cambio”. Enquanto esperamos o congresso, vamos nos preparando para ouvir vozes advindas não apenas da América do Sul, mas vozes do mundo todo, unidas naquilo que nos converge: a psicoterapia existencial.

Myriam Moreira Protasio
Rio de Janeiro, Brasil

Objetivos de esta publicación

Dar a conocer los últimos trabajos que vienen realizándose en el mundo, en idioma español y/o portugués, efectuados especialmente por latinoamericanos, sobre la aplicación del enfoque existencial en todas sus áreas de estudio.

Normas para la presentación de artículos

Los autores de los distintos países latinoamericanos o de otros lugares del mundo, que deseen enviar sus trabajos para ser publicados deberán hacerlo por correo electrónico al representante de su propio país, si no lo hubiera, pueden hacerlo al correo de la dirección de la Revista que coincide con el de la Delegación Argentina.

Delegación Argentina:

funcapac@fibertel.com.ar

funcapac@gmail.com

Delegación Brasil:

ana.maria.feijoo@gmail.com

Delegación Colombia:

amdecast@uninorte.edu.co

Delegación México:

yaqui@circuloexistencial.org

Delegación Perú:

rags28@gmail.com

Delegación Ecuador

amleont@uce.edu.ec

Se aceptarán trabajos de investigación, análisis de casos, aportes al trabajo comunitario, elaboración teórica original, análisis de autores, comentario de libros, aportes al esclarecimiento de problemáticas desde una perspectiva social con una mirada existencial. En general temas relacionados con la psicología, la salud, la educación, la filosofía, la sociología, la antropología, la ecología y cualquier

otra área del saber donde esté presente el enfoque existencial. También aceptamos cartas al editor.

Los trabajos de *investigación* deben constar de:

Introducción, estado de arte, hipótesis, metodología (cuali y cuantitativa según corresponda), casuística, lugar de aplicación, resultados, discusión, conclusiones. Si se trata de un *análisis de caso*, debe constar de: Introducción, marco teórico, metodología, conclusiones.

El *trabajo comunitario* debe constar de: Introducción, marco teórico, metodología, sector beneficiado, lugar de aplicación, resultados, conclusiones.

Si se trata de un *análisis de autor*, debe constar de: Pequeña biografía del mismo y listado de los libros que se analizan.

Si se trata de una *temática original* debe constar de: Introducción, estado de arte, desarrollo y conclusiones.

Si se trata de *comentario de libros*, debe constar de: Título original del libro, autor, año, ciudad en la que se editó, país y editorial.

Se aceptan también *cartas al editor* con una extensión máxima de una página A4.

Aceptación

En caso de que el autor pertenezca a la nacionalidad de alguno de los países miembros de la ALPE, será arbitrado por el Delegado de ese país y otro miembro del Consejo Editorial (a ciegas), posteriormente y si no hubie-

ra unanimidad, el trabajo pasa a ser arbitrado por pares consultores externos; en los casos de trabajos de investigación, además de cumplir con el procedimiento arriba indicado, pasarán a ser arbitrados por pares consultores externos, referentes de la temática propuesta y una vez aprobado por ellos, se le enviará un correo electrónico para notificarlo, tanto de las modificaciones que se solicitan como de su aprobación o rechazo.

En caso de que el autor no esté representado por una Delegación de ALPE, deberá enviarlo a la Directora de la Revista, quien procederá a elegir a ciegas a dos miembros del Consejo Editorial y luego se procederá de igual forma que para el caso anterior.

El envío de un trabajo significa que el autor reconoce que el mismo es original e inédito en los idiomas español o portugués, y destinado exclusivamente a esta Revista, no está permitida la presentación simultánea a otro medio de publicación. Si el trabajo original hubiera sido publicado en otro idioma que no sean los que la revista solicita, se aceptará publicarlo en idioma español o portugués con la condición de mencionar la fuente en la que fuera publicado y su correspondiente autorización.

El autor (o autores) es el único responsable de las ideas vertidas así como de la exactitud y la adecuación de las referencias bibliográficas y asimismo se hace responsable de cualquier acción de reivindicación, plagio u otra clase de reclamación que al respecto pudiera sobrevenir. Al mismo tiempo cede a título gratuito a la Revista los derechos patrimoniales de autor que pudieran corresponder.

La reproducción total de los artículos de la revista en otras publicaciones o para cualquier otra utilidad, está condicionada a la autorización escrita de la Editora de la presente Revista. Las personas interesadas en reproducir parcialmente los artículos en ella publicados (partes del texto, tablas, figuras y otras ilustraciones) deberán además obtener el permiso escrito del autor o autores.

Fecha de presentación de artículos

Para enviar los trabajos con la intención de ser incluidos en números sucesivos se aceptarán hasta el 1 de febrero y el 1 de agosto de cada año.

Formato de envío

Debe enviarse el texto en WORD - Letra Verdana, tamaño 10.

Extensión mínima: 4 carillas, extensión máxima: 18 carillas, en hoja tamaño A4, interlineado 1,5, incluyendo bibliografía. Si el trabajo contiene gráficos deben estar dentro de las carillas mencionadas. Márgenes superior e izquierdo de 2.5 cm., inferior y derecho de 2 cm.

Los artículos deben contener título, resumen y palabras clave en idioma español, y/o portugués e inglés. El texto del trabajo completo en español o portugués.

1- PRIMERA PÁGINA

Título del trabajo

Nombre completo de autor/es

País y ciudad de procedencia

Lugar de trabajo (nombre completo)

Breve currículum del autor o autores

Resumen (150 palabras)

Palabras clave: entre 4 y 5

2- SEGUNDA PÁGINA y siguientes

Introducción – Desarrollo – Conclusiones y/o los datos solicitados precedentemente. Referencias bibliográficas y citas en el texto según normas APA (American Psychological Association).

La Revista, puede bajarla gratuitamente de la página de ALPE:

www.alpepsicoterapiaexistencial.com

.Si desea consultar por cursos o talleres, diríjase a los correos de los países miembros antes mencionados.

Convocatoria

Las acciones de la ALPE son cada vez más amplias y abarcan varios países de Latinoamérica, pero es nuestra intención llegar a todos los demás países que hasta ahora no saben de nuestra existencia, por eso les pedimos a cada uno de ustedes que hagan llegar esta convocatoria a cuanto profesional conozcan para que se contacten con nosotros a los fines de profundizar el intercambio ya iniciado y así poder contar con una organización que nos nucleee y nos represente.

Si desea participar como País Miembro, le dejamos aquí las instrucciones

Solicitud para ser País Miembro

- a) Se deberá solicitar la incorporación por nota enviada por correo electrónico a la C. D. quien se expedirá dentro del plazo de 15 días como consta en el Estatuto.
- b) El país solicitante se convertirá en Delegación del mismo ante la ALPE con un mínimo de 3 socios titulares con los cargos de Presidente, Secretario y Tesorero, los cuales deberán cumplir con lo establecido en el Estatuto y Reglamentos de la ALPE.
- c) El Presidente será representante del país en las reuniones de C. D. con voz y voto.
- d) El Presidente no tendrá los beneficios de los socios fundadores.
- e) Los integrantes de las Delegaciones deberán demostrar con su curriculum, la formación que tengan en fenomenología, existencialismo y terapia existencial.
- f) Como formación se aceptará: ser profesor de una cátedra universitaria; o tener un libro publicado sobre la temática expresada en el punto f; o haber cursado y aprobado el curso a distancia de la ALPE y haber asistido a algún Congreso organizado por la ALPE.
- g) El Presidente de la Delegación deberá asistir a los Congresos

organizados por la ALPE como mínimo cada dos años mientras los períodos sean anuales.

- h) Quien no cumpliera con los requisitos mencionados perderá su cargo en la C. D.

Creación de Filiales

- a) Países extra latinoamericanos que deseen tener representación en la ALPE, podrán solicitar ser incorporados como Países Filiales siguiendo las mismas condiciones de incorporación establecidas para los Países Miembros, pero sus afiliados no podrán ser parte de la C. D. y deberán cumplir con el Estatuto, Reglamentos y resoluciones que tome la C. D. de la ALPE. Podrán presentar propuestas a la C. D.

Revista

Hasta el momento reciben la revista los siguientes países latinoamericanos: Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Costa Rica, Ecuador, Guatemala, México, Nicaragua, Perú, Puerto Rico, Uruguay y Venezuela, países europeos como España, Italia, Letonia, Portugal, Reino Unido y en el resto de América: Estados Unidos. Si usted viviera en otro país no incluido en esta lista y accede a nuestra Revista, le solicitamos que nos envíe un correo informándonos.

Nuestra comunicación

Para conocernos pueden visitarnos en www.alpepsicoterapiaexistencial.com y escribirnos a cualquiera de las delegaciones ya existentes, como así también dejarnos sus comentarios y forma de contactarnos. Solicitamos que se registren en la mencionada página para recibir notificaciones de último momento.

A nuestros socios

Todo socio que desarrolle alguna actividad científica que coincida con los objetivos de la ALPE y que desee que sea difundida en nuestro medio, puede hacernos llegar la propuesta.

Los esperamos.

C. D. de ALPE



CURSO A DISTANCIA
Psicología Existencial. Su aplicación a la terapia

Coordinación general: Fundación CAPAC

Inicio: cuando se inscribe

Duración: 32 clases

ARANCELES

Pago al contado: 10% de descuento.

Pago en 8 cuotas:

USD 100 para latinoamericanos,

USD 200 para otros países.

Descuento del 20% para socios de ALPE

Descuento de 10% para estudiantes.

Descuento de 10% para 3 o más inscriptos de una misma institución o grupo.

INCRIPCIÓN

Enviar la siguiente ficha de inscripción a :

funcapac@fibertel.com.ar

Nombre y apellido

Domicilio, país, teléfono, e-mail, profesión

ABONAR POR

Por depósito bancario, para argentinos,
averiguar condiciones a funcapac@fibertel.com.ar

Por Western Union (para otros países),
averiguar condiciones a funcapac@fibertel.com.ar

PROGRAMA

En página de ALPE y de Fundación CAPAC

**II CONGRESO MUNDIAL DE
TERAPIA EXISTENCIAL**

II Congreso Mundial
de Terapia Existencial

II World Congress
of Existential Therapy

ARGENTINA

Gentileza
Imágenes
Berta Cardoso

ANGUSTIA Y CULPA EN TIEMPOS DE CAMBIO
Apertura y Posibilidades

ANXIETY AND GUILT IN TIME OF CHANGE
Opening and Possibilities

Buenos Aires
8 - 11 MAYO - MAY 2019

Facultad de Psicología USAL
Marcelo T. de Alvear 1335
Bs. As. - Argentina

Informes
2congresomundialexistencial@gmail.com

Acerca del II Congreso Mundial de Terapia Existencial

Dentro de poco tiempo, más exactamente entre el 8 y el 11 de mayo de 2019, se realizará en la ciudad de Buenos Aires, Argentina, el II Congreso Mundial de Terapia Existencial bajo el título "Angustia y culpa en tiempos de cambio".

Este congreso está organizado por ALPE (Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial), en la cual están involucrados sus seis países miembros: Brasil, Colombia, Ecuador, México, Perú y Argentina que será el país anfitrión. Nuestra invitación es para que otros países latinoamericanos se vayan sumando. ALPE y Latinoamérica tienen una gran oportunidad de mostrar al mundo la excelencia de sus contribuciones a la terapia existencial. En el I Congreso Mundial realizado en Londres en el año 2015, había muy poca presencia latinoamericana, sin embargo, fuimos elegidos como organizadores del II Mundial. Creo, personalmente, que uno de los motivos por los cuales fue elegida ALPE, ha sido que somos la primera organización en el mundo en reunir a varios países, hasta ese momento solo había centros dispersos por distintos lugares del mundo, pero ninguna que nucleara a tantos países, tal vez otro motivo sea que ya se empezaban a conocer, especialmente en Inglaterra, algunos de nuestros trabajos y por otro lado había que elegir un país de otro continente del primer anfitrión y ALPE tuvo presencia en la organización del I Congreso desde el comienzo y forma parte de la Confederación mundial de terapeutas existenciales. En el 2015 estuvieron representadas muchas de las corrientes existenciales que tienen vigencia hoy en día, la invitación en esta oportunidad es para todas ellas. Quiero destacar algo que considero de suma importancia para el movimiento existencial. Los congresos mundiales son una gran oportunidad para conocer qué se hace en otros lugares del mundo, para intercambiar con otras culturas, para dar a conocer la voz latinoamericana tantas veces postergada por el primer mundo. Nuestro congreso será más humilde que el realizado en Londres pero bien podremos mostrar al mundo lo que los latinoamericanos hemos podido crecer y lograr, por eso los convocamos para que juntos hagamos un gran congreso en el año 2019.

Susana Signorelli
Presidente II Congreso

In a short time, more exactly between May 8 and 11, 2019, the II World Congress of Existential Therapy will be held in the city of Buenos Aires, Argentina under the title "Anxiety and guilt in times of change". This congress is organized by ALPE (Latin American Association of Existential Psychotherapy), and its six member countries are involved: Brazil, Colombia, Ecuador, Mexico, Peru and Argentina, which will be the host country. Our invitation is for other Latin American countries to join the Congress.

ALPE and Latin America have a great opportunity to show the world the excellence of their contributions to existential therapy. At the First World Congress held in London in 2015, there was very little Latin American presence. However, we were chosen as organizers of the II World Congress. I believe, personally, that one of the reasons for which ALPE was elected, has been that we are the first organization in the world to bring together several countries. Until that time, there were only scattered centers around the world, but none that managed to gather together so many countries. Another probable reason could be that many professionals, especially in England, were already getting to know some of our work. On the other hand, we had to choose a country located in a different continent from the first host. ALPE was present in the organization of the First Congress from the beginning and became part of the World Confederation of existential therapists. In 2015 many of the existential approaches that are valid today were represented, the invitation on this occasion is for all of them.

I want to highlight something that I consider very important for the existential movement. The world congresses are a great opportunity to know what is done in other parts of the world, to exchange knowledge and experience with other cultures, to make known the Latin American voice so often postponed by the first world. Our congress will be more humble than the one held in London, but we can show the world what Latin Americans have been able to create and achieve, that is why I summon you together to make a great congress in 2019.

Susana Signorelli
President II Congress

Un congreso mundial ofrece una serie de beneficios para los participantes que no siempre son tenidos en cuenta y queremos compartírselos con nuestros lectores:

Certificado:

Recibirán un certificado que acredite su participación. Sumar puntos para el curriculum.

Información impresa:

Los resúmenes de las presentaciones serán publicados en un cuadernillo tanto en español como en inglés y será entregado a cada asistente.

Actualización y conocimiento:

Podrán asistir a conferencias magistrales, conferencias especiales, conferencias, simposios, mesas redondas, debates, mesas de trabajos libres, talleres y presentación de posters.

Conocer e intercambiar con los más destacados profesionales del mundo.

Agudizar habilidades que enriquecerán su trabajo terapéutico.

Conocer los últimos trabajos de investigación en terapia existencial.

Conocer profesores de programas de posgraduación que pudieran abrir puertas para el ingreso a esos estudios.

Realizar preguntas de manera directa a los pensadores de las ideas que estudiamos.

Difusión

Dar a conocer al resto del mundo las propias producciones.

Contribuir a la difusión del existencialismo.

Networking:

Establecer contactos con otros líderes y pares para desarrollos futuros.

Fortalecer relaciones existentes.

Armar nuevas redes de contacto entre colegas.

Ser parte de la comunidad mundial existencial.

Aspectos culturales y turísticos:

Descanso, diversión y placer junto a otras personas de distintos lugares del mundo.

Participar de un clima de amabilidad.

Compartir con gente con los mismos intereses.

Enriquecerse con la diversidad cultural.

La asistencia es inspiradora y da nuevas energías para el trabajo posterior.

Disfrutar de la ciudad de Buenos Aires, su gastronomía, sus edificios emblemáticos, su tradicional baile: el tango.

Creemos que su experiencia será un valor agregado que le ofrece este congreso. Anticipamos su amable presencia en nuestro evento.

Por favor, siéntase libre de contactarnos, estaremos encantados de ayudarle en cualquier momento.

:

A World Congress offers lots of benefits for participants that are not always taken into account and we want to share them with you.

Certificate:

A document that certifies your participation.

Points for your CV

Printed:

A summary will be published in a booklet in both Spanish and English and will be delivered to each attendee.

Update and knowledge:

Attend lectures, special conferences, conferences, symposiums, round tables, debates, free work tables, workshops and poster presentations.

Meet and exchange with the most outstanding professionals in the world.

Sharpen skills will enrich your therapeutic work.

Know the latest research work in existential therapy.

Meet teachers of postgraduate programs that could open doors for entry to these studies.

Ask questions directly to creators of the ideas we study.

Diffusion

Make the rest of the world know your ideas and works. Contribute to the expansion of existentialism.

Networking:

Establish contacts with other leaders and peers for future developments.

Strengthen existing relationships

Build new contact networks among colleagues.

Be part of the existential world community.

Cultural and tourist aspects:

Rest, fun and pleasure with other people from different parts of the world.

Participate in a climate of kindness.

Share with people with your same interests.

Enrich yourself with cultural diversity.

The assistance is inspiring and gives new energy for the subsequent work.

Enjoy the city of Buenos Aires, gastronomy, emblematic buildings, traditional dance: tango.

We believe that your experience will be an added value offered by this congress. We anticipate your kind presence at our event.

Please, feel free to contact us, we will be happy to help you at any time.

For details about this event you can visit us at:

www.2docongresomundialdeterapiaexistencial.com

Contact

email: 2congresomundialexistencial@gmail.com



LOGOTERAPIA Y VIDA

El sentido del arte en la persona del artista

Lic. María Estela Álvarez de Spano
Bs. As., Argentina

Lugar de trabajo

colaboradora en varias organizaciones entre ellas con la Fundación CAPAC

Resumen

El arte es una de las expresiones más sublimes de la conducta humana. Como medio transformador permite al artista manifestar sus sentimientos en creaciones únicas capaces de generar mucha emoción. Mi objetivo es referirme a la persona del artista desde la concepción antropológica-existencial de la logoterapia, por considerar que el artista es un verdadero exponente de esta corriente, especialmente en cuanto a los valores y a la libertad. Es, ante todo, una persona única e irrepetible, verdadera obra de arte de la naturaleza.

En las tres categorías de valores que presenta la logoterapia el artista posee una talentosa creatividad (en los creativos), una exquisita sensibilidad (en los vivenciales) y fortaleza espiritual si a su obra la inspira el sufrimiento (en los de actitud).

Es un ejemplo de autotranscendencia saliendo de sí mismo al ofrecer a otros la belleza de sus obras por la trascendencia de su conciencia en la eternidad del arte.

Palabras Clave

Logoterapia; vida; arte; persona; valores.

Abstract

Art is one of the most sublime expressions of human behavior. As a transforming medium it allows the artist to express his feelings in unique creations capable of generating a lot of emotion.

My objective is to refer to the person of the artist from the anthropological-existential conception of logotherapy, considering that the artist is a true exponent of this current, especially in terms of values and freedom. It is, above all, a unique and unrepeatable person, true work of art of nature. In the three categories of values presented by speech therapy, the artist has a talented creativity (in the creative), an exquisite sensitivity (in the experiential) and spiritual strength if his work is inspired by suffering (in attitude).

It is an example of self-transcendence coming out of itself by offering others the beauty of their works by the transcendence of their consciousness in the eternity of art.

Key words:

Logotherapy; lifetime; art; person; values.

Introducción

El arte es una de las expresiones más sublimes de la conducta humana. En cualquiera de sus géneros la persona del artista expresa sus profundas vivencias de manera genuina gracias a su capacidad creativa y a su inspiración. El arte es el medio transformador que le permite manifestar sus emociones en creaciones únicas, generando las mismas intensas emociones en aquellos que las reciben y las admiran.

En la historia de la humanidad el arte ha sido siempre muy importante. Las antiguas pinturas que quedaron como testimonio de sus primeras expresiones sirvieron además para comprobar algunos aspectos evolutivos de las primeras civilizaciones. Evidentemente fue y será siempre un maravilloso medio de expresar y comunicar algo.

Sin embargo no es simple tener una definición precisa del significado de arte. De una manera generalizada puede decirse que es la disposición, el talento, la habilidad y la capacidad de algunas personas de hacer algo creativo. Arte deriva de las palabras latinas 'ars' o 'artis' que significan realizar una obra o trabajo creativa y ajustadamente. Pero la realidad es que la obra de un artista responde a su inteligencia y a su inspiración, libre de reglas, salvo las que le imponen las técnicas correspondientes a cada género. Sus creaciones son únicas y valiosas para brindar belleza y emoción.

Podríamos extendernos más en la comprensión conceptual del arte, pero como se trata de una de las expresiones humanas más valiosas, mi deseo es abordarlo desde la sabia visión de la vida que nos brinda la logoterapia.

La persona del artista

En la dolorosa experiencia que Víctor Frankl vivió como el prisionero N° 119.104, tomó conciencia de su 'ser único', distinto de otros e irrepetible. No había entre aquellos seres que lo rodeaban otro igual a él. Pero descubrió que la conciencia de sí mismo no alcanzaba para comprender el significado de 'ser-único'

y que sólo el asombro lo haría posible. El asombro ante el milagro de poder contemplar el valor de la vida, de su vida, como única. Y entonces comparó ese asombro de la contemplación de sí mismo como el que experimenta una persona al contemplar una obra de arte, sea de pintura, de escultura, de música o de cualquiera de sus más nobles expresiones. Ellas son únicas y permanecen únicas. Y, de alguna manera, la persona humana es también una verdadera y milagrosa obra de arte, única e irrepetible.

La toma de conciencia de mi 'ser-único' es el principio de todo crecimiento humano partiendo de la autoestima personal con un amor profundo por la propia vida, porque el que no se ama a sí mismo difícilmente podrá amar genuinamente a otros. En la persona del artista esto es muy intenso. Necesita amarse a sí mismo para entregar amor hacia los otros. El auténtico artista se distingue por su singularidad. Por ser una persona especial, amante de esa belleza sublime capaz de generarle profundas emociones que, expresadas en su obra, lleguen a los otros con toda su riqueza. En la obra de un artista quedará reflejado para siempre el infinito caudal de emociones surgidas de los recuerdos, sensaciones y pensamientos que fueran vividos por alegrías o por tristezas y también por sufrimientos. Son los valores atraídos y conservados por su espíritu y que su inspiración pudo convertir en belleza.

El artista, como toda persona humana, está llamado a la libertad. Para la antropología frankliana este concepto es fundamental. Siendo Frankl apenas un adolescente interpelló a un profesor de biología cuando éste afirmaba que, finalmente, la vida humana 'no era más que un proceso de combustión y oxidación'. Frankl le hizo la siguiente pregunta: 'entonces, ¿qué sentido tiene la vida?' Fue una inquietud que lo acompañó siempre porque no podía aceptar que el ser humano no tuviera la libertad de querer ser algo distinto de ese simple proceso. Su aguda intuición y su inclinación a la filosofía lo llevó a investigar y elaborar una obra basada en una 'antropología frankliana', sustentada especialmente sobre conceptos de Max Sheler, el filósofo de la persona, el espíritu y los valores. Detenido, con su familia en los peores campos de concentración, lleva consigo el manuscrito de la obra que deseaba presentar para difundir sus ideas, el que lamentablemente le fue arrebatado. A pesar de su trágica experiencia, cuando llega su liberación, consigue dolorosamente sobreponerse a ella y recompone su obra donde, desde su análisis existencial, considera a la persona humana como un ser 'bio-psico-socio-espiritual', en una síntesis superadora de todo lo que otras posiciones antropológicas habían expresado hasta entonces. Frankl encara la problemática espiritual del hombre sin negar por ello los conflictos originados en otros aspectos de su vida, como en lo biológico y lo psicológico. Pero para él la dimensión espiritual es el centro de la persona desde donde decide su existencia encontrándole sentido a su vida ejerciendo una libertad responsable. Para él la persona humana, a pesar de todos los condicionamientos que la rodean, tiene la capacidad de obrar libremente frente a ellos. Porque la suya no es sólo una **libertad de** no ser víctima de los condicionamientos que puedan oprimirlo,

sino que es principalmente una **libertad para** un proyecto personal de humanización.

Considero que la persona del artista es un verdadero exponente de la concepción antropológica-existencial de la logoterapia sobre la vida humana. Es precisamente desde su dimensión espiritual de donde proviene la creatividad que trasciende para expresarse convertida en arte. Y son los valores elegidos los que deciden su inspiración. Por eso es importante el tema de los valores.

Para el destacado logoterapeuta vienés, Dr. Alfried Längle, la 'percepción del valor' equivale al 'contacto y a la vivencia del valor', no sólo como algo pensado sino 'como lo que puede ser sentido' y cuyo contenido espiritual pueda conmovernos y emocionarnos.

El verdadero significado existencial de los valores es justamente el hecho de lo que hacen ellos con nosotros, antes de lo que nosotros hagamos con ellos, para poder realizar una acción que nos movilice y nos transforme.

El artista, mejor que nadie, expresa este concepto. Porque puede transformar un valor de la realidad que lo rodea, en belleza valiosa y perdurable. Y porque su persona posee la capacidad y el talento de poder descubrir y valorar lo que, para la mayoría, pasa desapercibido.

Partiendo de las tres categorías de valores presentados por la logoterapia, en creativos, vivenciales y de actitud, podemos comprobar el modo en que el artista los inmortaliza a través de sus obras.

Por medio de los valores creativos la persona humana ofrece y da el resultado de su labor. Por eso es el trabajo su símbolo y su sentido.

La creatividad surgirá de estos valores donde el artista encontrará la motivación inspiradora para convertirla en arte. Para todas las personas la motivación puede considerarse como un estado de tensión transitorio que las impulsa a encontrar un equilibrio y una satisfacción. Particularmente el artista, del resultado de esa necesidad y de la situación emocional que la acompaña, podrá expresar en sus obras la belleza que atesora en su dimensión espiritual.

De los valores vivenciales vendrá la inspiración. Son valores de experiencia de lo que recibimos de la realidad que nos rodea, lo que percibimos por nuestros sentidos, lo que nos emociona, como las maravillas de la naturaleza, la belleza de las obras de arte y, sobre todo, la experiencia amorosa. Justamente el hecho de recibir amor es lo que simboliza a los valores vivenciales. En la persona del artista estos valores son particularmente importantes por su talento, su sensibilidad y una inspiración precursora de valiosas expresiones de arte que su capacidad de amar brindará espiritualmente para otros.

Y, por último, ¿puede un artista inspirarse en creaciones artísticas cuando atraviesa situaciones límites?

Para responder esta pregunta deberemos volver sobre nuestro rápido recorrido de la visión de la vida de la persona humana en general y de la del artista en particular, para lo cual la logoterapia nos presenta tres tríadas:

1ª)

- a) el ser humano es libre de su voluntad;
- b) esa voluntad busca un sentido.
- c) el sentido de la vida.

2ª)

Esa búsqueda de sentido es posible por medio de la realización de:

- a) valores de creación (dando);
- b) valores de experiencia o vivenciales (recibiendo);
- c) valores de actitud (tomando actitud).

3ª)

Los valores de actitud se realizan ante tres situaciones que nos producen angustia:

- a) el sufrimiento;
- b) la culpa;
- c) la muerte.

Frankl denomina a ésta última la 'tríada trágica' por ser la que nos enfrenta a las situaciones límites. Pero no por eso tiene una visión puramente pesimista sino más bien realista. Porque del modo en que afrontemos esas situaciones trágicas podremos transformar un hecho dramático en un crecimiento personal.

Los valores de actitud se dan en situaciones en que una vida que no sea tan fecunda en creatividad, ni muy rica en vivencias tenga, a pesar de ello, un sentido pleno como existencia. Depende de la actitud que adopte una persona ante una limitación en su vida. La persona humana demuestra su grandeza cuando le da sentido al sufrimiento convirtiéndolo en un valor supremo.

En la historia del arte conocemos a genios creadores que pudieron inmortalizar el sufrimiento para hacerlo patrimonio de la humanidad. No podemos dejar de recordar a ese exponente emblemático de la música que, habiendo quedado totalmente sordo, pudo componer extraordinarias sinfonías: ¡Ludwig Van Beethoven!

Desde la logoterapia podemos decir que el artista es un ejemplo muy singular de la 'autotrascendencia', esa particularidad esencial de la existencia humana. El artista sale de sí mismo para ser-en-el-mundo, para ser con los otros, brindando a todos la belleza de su obra. Pero cuando esa persona se enfrenta a algún situación límite que le genera sufrimiento, sólo podrá

inspirarse para crear tomando una actitud que la logoterapia denomina 'autodistanciamiento', o sea, saliendo de sí mismo para alejarse de aquello que lo perturba, no para ignorarlo sino para darle la verdadera dimensión desde su espiritualidad. Y entonces podrá transformar el dolor en belleza.

Conclusión

Finalmente, ¿dónde se inicia la inspiración genuina del artista para convertirla en arte? En lo que Frankl denomina 'nuestro órgano de sentido' que es la conciencia. Y como esa conciencia nos trasciende incluso más allá del final de nuestra vida, la trascendencia de la conciencia del artista no morirá. Vivirá para siempre expresada en sus obras en la eternidad del arte.

Bibliografía:

- Adorno, T. W., Horkheimer, M. (1995). *A dialéctica do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Frankl V. (1965). *Psicoanálisis y Existencialismo*. México: FCE.
- Frankl V. (1990). *El hombre doliente*. Barcelona: Herder.
- Pareja Herrera G. (1989). *Víctor E. Frankl Comunicación y Resistencia*. México: Premia.
- Tobaldo P. (2015). *Logoterapia y arte*. Buenos Aires: Autores de Argentina.

Curriculum

Lic. en Psicología Clínica y Logoterapeuta. Postgrado de logoterapia en la Fundación Argentina de Logoterapia "Dr. Víctor E. Frankl" de Buenos Aires y postgrado en el CLAE (Centro de logoterapia y análisis existencial) de la Universidad Católica Argentina de Buenos Aires. Autora del libro: *Vivir la logoterapia*.

Correo de contacto:

estelaspano93@gmail.com

Fecha de entrega: 20/12/17

Fecha de aceptación: 13/1/18

W. Dilthey e a fundação das ciências do espírito e dos fundamentos de uma psicologia compreensiva e hermenêutica

**Prof. Emilio Romero
Joinville, Brasil**

Lugar de trabajo: colaborador en varias organizaciones

Resumo

Abordo neste escrito algumas contribuições feitas pelo historiador e filósofo Wihlheml Dilthey, que enfoca os principais temas discutidos em o séc. XIX sobre questões históricas, ciências naturais e ciências humana, métodos e la necesidad de uma fundamentação das ciências humanas (o do espírito) e especialmente de uma psicologia compreensiva; Dilthey propone uma psicologia descritiva e analítica, nuito diferente da psicologia explicativa, de orientação experimental e biológica, enfoque dominante em sua época; uma psicologia que considere também os processos biológicos sempre que eles estejam manifestos no plano da experiência pessoal.

Expriencia, expressão (Ausdruck =objetivación) e vivência (Erlebniss) son categorias muito importantes numa psicologia compreensiva. O conceito de compreensão forma parte da tradição hermenêutica anterior a Dilthey; teste filósofo desenha um enfoque hermenêutico das ciências humanas, em outras palavras, alguns conceitos que permitam uma visão abrangente do fenômeno histórico e cultural e suas relações com o espírito humano; não esqueçamos que o conceito hegeliano de espírito designa todo o movimento das criações humanas.

Palavras-chave

Ciências naturais e ciências do espírito, historicismo, experiência, vivência (Erlebniss), subjetividade e objetividade, abordagem compreensivo

Abstract

I treat in this writing some contributions made by the historian and philosopher W. Dilthey, that focuses the main themes debated in the 19 century about history, natural and humans sciences, methods and the foundation'need concerned with Human Sciences and specially a comprehensive psychology. Dilthey propose a descriptive and analytical psychology, very different of a explaining psychology, dominant in that time; a psychology that consider also the biological processes

whenever it are reflected in the plane of personal experience.

Experience, expression (Ausdruck= objetivation) and Erlebniss are categories very important in a comprehensive psychology. Dilthey design an approach hermeneutic on human sciences, in other words, some concepts that permit an enlargement vision about cultural phenomenon; don't forget that the Hegelian concept of spirit include the whole movement of human creativity. In this point I propose some other categories that open other perspective that complement Dilthey' ideas on a comprehensive psychology.

Key words

Natural sciences & Spiritual sciences, historicism, experience, Erebniss, sunjectivity –objectivity, comprehensive approach.

1.Uma aproximação preliminar ao pensamento de Dilthey: As ciências naturais e as ciências do espírito.

Dilthey é um dos representantes do historicismo, isto é, de uma corrente de intérpretes da cultura que afirma que tanto os fenômenos individuais como os coletivos sempre se dão num contexto histórico que permite compreender o mais próprio de um determinado período cultural, ou de um povo. Forma parte de toda uma corrente caracterizada como filosofia da vida, que inclui outros pensadores do sec. XIX, em especial, Nietzsche J.M.Guyau, H. Bergson, W. James, G. Simmel e, anteriormente, em certo modo, Rousseau, Fichte e Schelling. No séc. XXJ, Santayana, Lev Vigotky, Ortega-Gasset, Jaspers pertencem a esta corrente. (*)

- A importância deste historiador reside na sua tentativa de uma caracterização das concepções do mundo próprias da cultura ocidental.

- Suas duas maiores contribuições ao conhecimento é sua caracterização das ciências do espírito (ou humanas) e o método compreensivo como o mais apropriado

do para uma correta caracterização dos fenômenos históricos, culturais e psicológicos.

Dilthey estabeleceu a melhor caracterização das ciências naturais e das ciências humanas ou do espírito, como eram denominadas naquele tempo as ciências humanas. As cc. naturais explicam (Erklären) os fenômenos de sua competência, isto é, estabelecem relações de causalidade ou de relações constantes observáveis; por hipótese todos os fenômenos encontram sua razão de ser em sequências que operam como determinantes dos processos e suas reações. Mesmo reconhecendo a importância destas ciências, Dilthey afirma que as ciências humanas estabelecem relações compreensíveis (Verstehen) entre os objetos e fenômenos de sua consideração: estas relações se dão em termos de significados e de sentidos. A compreensão implica nexos significativos seja no plano da experiência subjetiva, seja no plano das criações culturais e históricas, que são expressões da criação humana. Importa destacar que as relações das CC.HH. Apresentam um caráter dinâmico, o que gera constantes mudanças em seus conteúdos e expressões. Postula que o significado é uma questão sempre problemática, mas é inerente à vivência devido que nela se revela tanto a face interior, subjetiva, como o lado exterior, objetivo da experiência; mesmo de modo elementar, intuitivo, atribuímos um significado ao vivido, embora este não seja expressado de modo verbal. Vivemos num ambiente humano que em seus aspectos peculiares nos é familiar ou apreensível em seu sentido, ao qual atribuímos um significado.

Insiste igualmente no caráter intrinsecamente temporal do significado, em consequência está sujeito a variações históricas, o que implica que a compreensão das experiências pessoais, ou propostas pela comunidade, sofrem as variações históricas. Pense você na reação à infelicidade conjugal feminina no séc. XIX e o modo de ser significada em nossos dias. Ou pense na percepção de sua aparência física na adolescência e seu modo de perceber este aspecto na adultez.

As ações humanas são motivadas por fins e se ajustam a determinados valores; a natureza desconhece os valores e se obedecem seus processos a certa finalidade se dá em termos de manutenção do equilíbrio biológico, orgânico.

Dias Saldes destaca: “La comprensión del mundo es lo que cada uno de nosotros somos con los otros, se trata de una relación dialéctica, por cuanto el hecho que el sujeto sea histórico no significa meramente que su vida transcurre en el tiempo, sino que su ser se constituye en la interacción con otros y allí se despliega un acontecer que configura su identidad.”

Contudo, seria errado supor que a ênfase no psíquico e cultural implica o desconhecimento dos fatores biológicos e da natureza na realidade humana; ele mesmo aponta em sua “Introdução às ciências do espírito” (1883): um indivíduo se origina, se mantém e se desenvolve sobre a base das funções do organismo animal e das relações que estas têm com o curso da natureza que as rodeia. Se o sentimento vital, pelo menos em parte se baseia nestas funções; suas impressões estão condicionadas pelos órgãos sensoriais...” E continua assinalando outras influências biológicas. (p. 40). Já nesta obra destaca uma das caracte-

terísticas das ciências naturais que procura estabelecer os nexos causais nos processos por elas estudados. (p.42)

2. Vivência e vivenciar, vida e experiência

Para acentuar ainda o mais próprio de uma psicologia descritiva se destacam neste enfoque dois conceitos centrais em sua compreensão dos fenômenos: A vivência e o vivenciar; a vivência (Erlebniss) permite o acesso direto à experiência consciente. O vivenciar (Erleben) traduz o movimento das vivências em suas conexões com o subjetivo e o objetivo e conecta com o vivenciar (Erleben), num duplo movimento: implica tanto o reviver (Nacherleben) e o reproduzir (Nachbilden); este duplo movimento permite compreender o que acontece em nós e nos outros.

A Erleben, o experimentar a vida mesma em todas suas dimensões, se manifesta como expressão em todos os planos da vida e é apreendida como compreensão do que acontece nos dois planos que organizam o mundo humano: o subjetivo ou interno e o objetivo ou externo, os dois articulados por mútuas influências. Estes três fatores constituem a peculiaridade do mundo humano e fundamentam as ciências do espírito. Estes nexos não se encontram na natureza nem se dão nas ciências naturais.

Para reafirmar a importância de sua visão do humano coloca os quatro elementos que precedem todo conhecimento: vitalidade, historicidade, liberdade, desenvolvimento; estes fatores estão em contraposição de uma abordagem explicativa própria das ciências naturais, que acentua o material e substancial.

3. DILTHEY: Introducción a las Ciencia del Espíritu (texto)

“En realidad un individuo nace, se conserva y desarrolla sobre la base de las funciones del organismo animal y sus relaciones con el curso natural que le rodea; su sentimiento vital, por lo menos parcialmente, se basa en estas funciones; sus impresiones se hallan condicionadas por los órganos de los sentidos y sus afecciones por el mundo exterior; la riqueza y la movilidad de sus ideas, así como la fuerza y la dirección de sus actos volitivos, las encontramos dependientes, múltiplemente, de los cambios en su sistema nervioso. Su impulso voluntario acorta las fibras musculares, y tenemos así que la acción hacia fuera se halla vinculada a cambios en las relaciones de situación de las partículas materiales del organismo; resultados duraderos de sus actuaciones voluntarias se dan solamente en la forma de cambios del mundo material. Así resulta que la vida espiritual de un hombre no es sino una parte de la unidad psicofísica de vida, parte que desprendemos por abstracción; en esa unidad psicofísica se nos presenta la existencia y la vida de un hombre. El sistema de estas unidades de vida constituye la realidad, objeto de las ciencias histórico-sociales. Y, ciertamente, el hombre como unidad de vida se presenta para nosotros, en virtud del doble punto de vista de nuestra consideración, como una trama de hechos espirituales hasta donde alcanza

nuestra percatación interna, y como un todo corporal hasta donde alcanza la captación sensible. La percatación interna y la captación externa no tienen nunca lugar en el mismo acto y por tal razón nunca el hecho de la vida espiritual se nos da a la vez que el de nuestro cuerpo” (Int. A las ciencias del Espíritu).

“Las ciencias que se ocupan del hombre, de la sociedad y de la historia tienen como base suya las ciencias de la naturaleza por lo mismo que las unidades psicofísicas sólo pueden ser estudiadas con ayuda de la biología pero también porque el medio en que se desenvuelven y en que tiene lugar su actividad teleológica, encaminada en gran parte al dominio de la naturaleza, está constituido por ésta. En el primer aspecto, nos servirán las ciencias del organismo, en el segundo las de la naturaleza inorgánica. Y esta conexión consiste, por un lado, en que las condiciones naturales determinan el desarrollo y la distribución de la vida espiritual sobre la superficie de la tierra y, por otro, en que la actividad teleológica de los hombres se halla vinculada a las leyes de la naturaleza y condicionada por su conocimiento y aplicación. Por esta razón la primera relación no muestra más que la dependencia del hombre con respecto a la naturaleza, mientras que la segunda contiene esta dependencia solamente como el otro aspecto de la historia de su señorío creyente sobre la tierra” (os sublinhados são meus).

4. Como abordar a questão dos dois tipos de psicologia?

A questão que se coloca Dilthey é como superar os enfoques explicativos que surgiam com a proposta de uma psicologia científica baseada no modelo das ciências naturais, representada pelos estudos quantitativos, pelas medições dos fenômenos perceptivos muito presentes nas pesquisas de Weber, Fechner e seguidas por Wundt. Lembremos que nessa época a psicologia seguia o modelo das ciências naturais; oficialmente este tipo de psicologia foi inaugurado por Wundt com a instalação do primeiro laboratório, 1874. Dilthey não nega o valor deste tipo de pesquisas, mas destaca que uma psicologia de selo experimental quantificador ignora os aspectos mais distintivos do ser humano: ignora em primeiro lugar a dimensão interior da experiência humana e não dá conta das criações históricas e culturais, que uma psicologia compreensiva tem recursos de esclarecer e compreender.

A explicação das ciências naturais tenta mostrar, e manipular inclusive, os fatores causais que determinam as respostas no organismo; uma vez estabelecidas as relações de causa e efeito podemos mudar tanto as causas e por conseguintes os efeitos; mais ainda, inclusive pode provocar este tipo de associações se tal fosse a vontade do cientista. Tal tipo de psicologia, já aceita nos círculos pertinentes, opera com elementos muito simples –mudanças de temperatura, umbral de reação, intensidade do estímulo, associação entre reações esperáveis, como a salivação dos cachorros nos experimentos de Pavlov e estímulos inicialmente neutros, mas que terminam por provocar as respostas dos estímulos naturais. Em sua época modelos mais complexos no plano da conduta pes-

soal e interpessoal ainda não ocupavam os interesses prioritários dos psicólogos. O mesmo Dilthey alcançou a prever os avanços nesta direção; menciona a William James, que também seguia uma linha explicativa, mas já se abre a pesquisas relacionadas com as áreas mais complexas da psicológica (em torno de 1885-90). James também era partidário de uma psicologia segundo o modelo naturalista, pensava que o cérebro e os processos biológicos poderiam dar conta de boa parte da conduta humana (este conceito já está nele), tanto assim que chega a questionar o conceito consciência, entende que é um resquício de um fantasma psíquico. De todos modos este psicólogo já considerava aspectos importantes da complexidade psicológica. Mais ainda, Dilthey menciona um escrito de Wundt no qual ele confessa ter mudado sua visão puramente experimentalista para uma visão compreensiva, a única que permitiria o acesso a estúdio mais complexo “das funções superiores da fantasia e do entendimento, temas não abordáveis por uma psicologia naturalista” (pág.61). Lembremos que Wundt terminou sua carreira estudando as lendas, os mitos e outros fenômenos da criação cultural numa perspectiva própria de uma antropologia. Interessante, verdade?

Para superar este tipo de psicologia nosso autor propõe um enfoque de psicologia segundo um modelo descritivo e analítico. (Consulte-se o texto com este título na bibliografia)

O que mostra este livro são as notórias diferenças existentes entre as construções de uma psicologia explicativa e as descrições do acontecer psíquico. De início o autor sublinha o carácter interno do fenômeno mental, do vivido de imediato articulado por nexos que tanto desenham os fenômenos como permitem suas mudanças; mesmo que os nexos não sejam percebidos pelo sujeito eles operam em diferentes níveis; entende-se que um exame mais atento de uma mudança, de uma decisão, de uma reação emocional permite assinalar as conexões implicadas. “De todos modos tais ligações são constantemente conscientes para nós; em meio à imensa variabilidade dos conteúdos de consciência, as mesmas ligações sempre retornam, e, assim, sua forma vem paulatinamente à tona de maneira clara”. (pag.67). Todas as vivências se articulam numa trama de elos que geram uma síntese.

Insisto, o fato que este autor conceda todos os direitos às ciências do espírito no implica que desconheça a importância dos fatores biológicos, especialmente; pelo contrário, continuamente faz referências ao biológico como fator importante no desenvolvimento humano, como o mostra especialmente a psicologia infantil (que já naquela época dava seus primeiros passos)

A vida psíquica é entendida como um nexo de funções; estas conexões precisam ser examinadas mediante uma análise para esclarecer como se organizam: por esta exigência Dilthey fala de uma psicologia analítica, que primeiro descreve as funções para depois apontar suas ligações. Em termos mais claros, e para ilustrar esta proposta, diríamos hoje que ao examinar uma vivência qualificada como um “complexo de inferioridade” ou “uma atitude de superioridade,

arrogante, precisamos descrever as características destas atitudes para logo ver como se dá a dinâmica em cada caso. Nosso autor fala que é preciso uma decomposição da vivência para ver seus componentes e seus nexos. Ao usar este conceito nos leva a supor que ele entende que o vivido se constitui como uma composição de fatores. Este procedimento é comum tanto às ciências humanas como aos naturais. Anota neste ponto que as composições se articulam como estruturas estáveis e mutáveis. Vemos então que já percebe o caráter estrutural das vivências, embora não desenvolva nem explicita este ponto.

5. Algumas funções e conceitos psicológicos

Chama a atenção igualmente que distinga o que chama os três elos da vida psíquica: o impulsivo, o sentimental e o volitivo, que eram as chamadas três faculdades da alma distinguidas pela tradição; contudo, não entra neste texto numa análise mais esclarecedora destas três vivências originárias. (Pág. 79). Na página seguinte faz um alcance sobre como opera a imaginação na criação poética e nas personagens da esfera religiosa como são Francisco de Assis e Lutero. E então a imaginação pertence à esfera do pensamento, especialmente, ou é uma síntese das três esferas admitidas anteriormente? Depois de Brentano e Husserl, seus contemporâneos, sabemos que o pensamento e a imaginação são formas de relação homem-mundo diferentes, mas Dilthey não menciona estes dois pensadores. Nesta parte vemos a proposta de uma série de elos sugeridos como nexos necessários para a explicitação de algumas relações. Em seguida o autor se aboca no tema da compreensão dos “três elos da vida psíquica”. Em primeiro lugar, chama a atenção que distinga o estado de ânimo como um fator importante dos sentimentos. É chamativo porque este conceito não aparece em outros autores da mesma época. Inclusive Teodule Ribot, a grande figura da psicologia francesa, ignora esta instância afetiva em seu livro sobre a psicologia dos sentimentos (1896-1908).

Por outra parte ilustra a articulação das diversas manifestações mentais que influenciam de diversos modos segundo sua dinâmica; os interesses são influídos por sentimentos e pela própria estrutura do si-mesmo, conceito que designa o mais persistente em todos nós.

Em seus escritos sobre hermenêutica encontramos a inclusão de três fatores mais como manifestações da vida: a linguagem, as ações e as expressões de uma vivência –tudo o que configura a realidade mais própria da pessoa; o conceito de realidade forma parte dos conceitos básicos de Dilthey; escreve inclusive: a filosofia é a ciência da realidade.

6. O eu e o tu como a diade primária do social

Nosso autor também destacou o caráter interpessoal na formação do eu, acentuando a importância do outro entendido da maneira personalizada como o tu. Fala

de um encontro do eu no tu, mas não deixa claro se concede uma primazia do tu na formação do eu. A única conclusão desta tese seria a importância dos outros na formação pessoal. Hoje diríamos que os outros imprimem sua presença até nas pregas mais secretas de nossa vida. Contudo, no texto que estou comentando não há um parágrafo sobre relações interpessoais e sociais. Dá-nos a impressão que Dilthey não coloca a ênfase suficiente na enorme importância do social na configuração da pessoa e da própria história. Certamente esta impressão é superada depois de entrar em contato com outros escritos do filósofo, especialmente o que leva o título “Teoria das concepções do mundo”; contudo, num livro anterior “Introdução às ciências do espírito” (1883) afirma:

“A análise encontra nas unidades vitais os indivíduos psicofísicos, os elementos que compõem a sociedade e a história. O estudo destas unidades vitais forma o grupo mais fundamental das ciências do espírito. (...) A teoria destas unidades vitais psicofísicas está na antropologia e na psicologia”. Alguns parágrafos mais adiante reconsideram esta tese de modo parcial reconhecendo: “o homem que constitui o objeto da ciência analítica é o indivíduo como componente da sociedade”, mas não vai mais longe. Para destacar ainda um outro aspecto Dilthey, neste mesmo livro, afirma que encontramos na biografia de um indivíduo a melhor descrição das unidades vitais psicofísicas.

Em seu texto sobre “O surgimento da hermenêutica” escreve: “Nosso obrar pressupõe sempre a compreensão de outras pessoas; uma grande parte de nossa alegria brota de voltar a sentir estados anímicos alheios”. E uma página adiante agrega: “a experiência interna, na qual eu acedo interiormente a mis próprios estados, jamais pode fazer-me consciente, por si mesma, de mi própria individualidade; só na comparação de mi mesmo com os outros tenho a experiência do individual em mi, só então se torna consciente o que, em minha própria existência, se diferencia dos outros”. O professor Gomez Ramos aclara ainda mais este ponto:

“Este é a grande descoberta de Dilthey na década do noventa: o interior só se faz acessível, tanto a si mesmo como aos outros, quando se objetiva exteriormente em uma expressão. A pessoa pode identificar-se como tal e individualizar-se unicamente no enfrentamento com os outros, o consigo mesmo exteriorizado como outro nalgum tipo de objetivação -as próprias palavras ou ações”.

Em conclusão: só é possível compreender-se a si mesmo desde fora, pelos outros e pelas ações objetivadas; estes são os signos que exteriorizam a existência; a interioridade de cada um se comunicam por mediação destes signos, por mediações simbólicas.

7. Uma psicologia que privilegia a interioridade e a consciência, mas em íntima conexão com a exterioridade, em mútua interação.

Chama a atenção que nosso autor só faça algumas alusões ao tema do inconsciente, tema que já estava,

na sua época, em plena discussão tanto nos círculos psiquiátricos como entre os psicólogos. Lembremos que Charcot, Janet e Freud estavam presentes nestas discussões já na última década do séc. XIX. Os estudos de Freud sobre a histeria (1893) e as famosas demonstrações de Charcot sobre a hipnose como técnica terapêutica, não são sequer mencionadas. Cuidado, este privilégio do psíquico como vivência não exclui sua expressão objetiva; ele escreve: “se objetivavam na língua, nos mitos, na literatura e nas artes, em geral em todas as realizações históricas” (pág. 105)

Para dizer o menos é curioso que este pensador mencione os estados de ânimo. Limita-se a uma mera menção com alguns alcances sobre estes estados nas criações estéticas; da leitura atenta do texto se desprende que Dilthey entende estes estados como uma conjugação de sentimentos que segundo sua composição daria a caracterização de um estado específico; porém, o autor não deixa claro este ponto. Teria sido suficiente que indicasse um estado em particular, a ansiedade, por exemplo, para esclarecer este ponto. Dilthey não compreendeu que o estado de ânimo forma o clima afetivo permanente da sensibilidade afetiva, com variações que geram os diversos estados discerníveis inclusive pela mera descrição do que sente a pessoa e revela seu comportamento. (p.109).

Ao parecer, Dilthey não percebeu a importância do comportamento para a compreensão da interioridade mental que ele tanto enfatizava como o mais distintivo no ente humano. James e Ribot já usavam discretamente este conceito, mas será preciso a publicação do Watson em 1914 para que este conceito adquira todos os direitos no campo da psicologia.

8. A maior contribuição de Dilthey como o mais distintivo das ciências humanas

Nas linhas anteriores destaquei as contribuições mais dignas de menção na proposta de criar uma psicologia compreensiva de alcances antropológicos, isto é, que permita dar conta dos mais diversos produtos e criações da cultura humana. Seu objetivo primeiro foi fundar uma ciência da vida espiritual; entendia por espiritual todo o que leva a impronta das criações humanas. O espírito se plasma e revela nos mais diversos planos da realidade humana – nas relações econômicas, nas artes, nas instituições, nas leis e todo o demais que não seja a simples natureza, embora as transformações da natureza feitas pelo homem também seja espirituais. Nem preciso dizer que este conceito de espírito não se refere ao modo de entender o espiritual segundo as diversas religiões.

Desde minha avaliação sua maior contribuição reside no conceito de compreensão como o mais próprio das ciências humanas e sobretudo na sua caracterização do compreender segundo duas vias complementares: o significado e o sentido. Até onde tenho averiguado nenhum outro autor até então tem caracterizado a compreensão segundo estes dois conceitos. Certamente tem circulado nos mais diversos escritores e até lo linguajar corriqueiro. “Isso não significa nada para mim”. “O que você fala carece de todo sentido, é absurdo”. Quero dizer que intuitivamente são usados

estes dois conceitos sem que formem parte de um enquadre epistemológico. Se entendemos a epistemologia como o exame dos fundamentos e da validade dos princípios que sustentam uma teoria geral ou restrita sobre um campo particular do saber, então podemos dizer que a abordagem compreensiva do saber assentada nos dois princípios indicados mais outras exigências relacionadas com sua capacidade esclarecedora, vale como modelo epistemológico geral. Certamente precisamos destacar as diferenças implicadas nestes dois conceitos; por ora só aponto uma que me parece essencial: o significado se refere aos aspectos linguísticos da compreensão; o sentido também implica estes aspectos, mas aponta para as diversas direções implicadas nas ações e no movimento das vivências.

9. O que precisou fazer Dilthey, mas não fez –As modalidades da compreensão.

Contudo, a pesar de ter aplicado a compreensão a variados temas da criação cultural, como são as instituições e a criação poética e estética, Dilthey não aproveitou todos os recursos que proporciona sua formulação epistémica. Não chegou a perceber quais eram estes recursos e como podem ser formulados como princípios gerais aplicáveis às mais diversas áreas da cultura.

O primeiro que fica claro na concepção de nosso autor é a relação entre experiência e vivência; fala sempre na conexão entre vida (Erleben) e vivência (Erlebnis); destacar de maneira clara que o primeiro de todo é a experiência, que é oriunda da relação do sujeito com os diversos objetos que vão configurando sua realidade nas mais diversas situações. Em seu livro “Psicologia. Descritiva e analítica” não encontramos uma clara relação entre experiência e vivência; entende que na relação chave homem-mundo os objetos afetam ao sujeito das mais diversas modos e na resultante desta interação se gera a experiência. Este é o primeiro momento. Conhece a importância da experiência, mas nem sempre as destaca como um princípio geral das origens das vivências, de seu enriquecimento e de suas transformações. Fala da Erleben que alguns autores traduzem por Vida e outros afirmam que também corresponde a experiência, embora a palavra Erfahrung corresponda a experiência. Outros autores anteriores tinham já destacado a importância da experiência na gênese do saber e da conduta.

O segundo momento implica em como se articula a experiência com as vivências; esta articulação configura e caracteriza as diferentes vivências, dando a cada uma segun seja sua seta intencional, uma forma de identidade e estrutura que tende a permanecer no tempo e, deste modo, configura os modos peculiares que as pessoas tem de se relacionar com as outras pessoas, consigo mesmas e os diversos objetos do mundo. Todos estas formas de relacionar-se se dão em situações e circunstâncias variáveis que provocam mudanças ou confirmam modos de ser. Estes dois conceitos aparecem na obra do filósofo, mas não recebem a atenção que merecem.

O que tenho feito pessoalmente estes últimos trinta anos é ampliar sua teoria mediante a aplicação de

seis modalidades da compreensão. Estas modalidades funcionam como aspectos do método e como formas de relações compreensivas, que estabelecem toda uma hermenêutica dos fenômenos psicológicos e culturais. Esta hermenêutica a tenho aplicado à compreensão dos sonhos, em especial, mas também a outros produtos culturais. Farei um resumo muito elementar destas modalidades, mas todas elas estão bem esposta em meu livro “As dimensões da vida humana”.

a) A Compreensão intuitiva – Entendemos por intuição a captação imediata de um dado senso-perceptivo ou de uma vivência qualquer. É a forma mais simples e direta do conhecimento. Pode dar-se no espaço interno da consciência, como lembrança ou fantasia, ou no espaço externo e corporal. Captamos de imediato o que está nos acontecendo no plano da subjetividade. Sinto-me vagamente triste e irritado depois de verificar uma vez mais uma injustiça gritante, tão comum no plano das diferenças socioeconômicas: o chamado poder legislativo (representado por senadores e deputados) continua querendo manter privilégios ultrajantes para o resto dos cidadãos; enquanto o resto dos compatriotas se aposentam depois de 35 anos de trabalho, os parlamentares se aposentam com 8 anos. Espertalhões! Lembro-me de um fato recente: um grupo de pessoas idosas fazendo fila num banco para cobrar sua minguada pensão, um ou dois salários mínimos (200 dólares) enquanto os honoráveis parlamentares pegam 80 a 100 salários. O que lhe parece? – Pergunto a um camarada que está por perto, mostrando-lhe a manchete do jornal. O camarada faz um gesto como que dizendo “assim são as coisas neste país”. Para distrair-me um pouco, olho lá fora a passagem das nuvens viajantes – calmas, preguiçosas. Toda a experiência sensível, que impõe sua presença o tempo todo e em todos os planos, se configura por via da intuição. A intuição não se reduz ao plano perceptivo; supera a percepção entrando com facilidade no campo da representação – imagens, ideias, fantasias. Por isso se fala de pessoas intuitivas, que parecem captar algo mais que a mera informação sensorial. Intuem o que apenas aflora no dado; por vezes acertam, amiúde só apan

b) O pensar e o raciocínio lógico são as atividades racionais por excelência. Desde a época dos gregos, verdadeiros fundadores dos logos ocidentais, se costuma atribuir ao homem a capacidade racional como sua característica mais nobre. Não se atribui aos outros animais essa capacidade tão extraordinária, embora no chimpanzé detectemos os rudimentos e indícios mínimos de raciocínio. (2)

Costuma-se também contrapor o pensar racional à captação intuitiva. A razão se atém a princípios lógicos, opera por mediações, inferências, definições; formula-se em juízos (classificados segundo diversos critérios); procura a clareza nos conceitos, tenta sustentar-se nas deduções e induções. Pretende encontrar a ordem no caos, o constante na variação infinita, os princípios reitores das mudanças e do mistério.

No comportamento humano, individual e social, a razão joga um certo papel; não é que comande seus desígnios nem inspire seus projetos e motivações. O irracional e o impensado, o tolo e o absurdo, o mera-

mente aleatório e reativo, jogam um papel bem mais importante. Só a posteriori descobrimos uma certa lógica na conduta das pessoas e nos fenômenos sociais e históricos. Esse tipo de descoberta é justamente o trabalho da razão e do cientista. O cientista e o filósofo são os operários da razão.

Contudo, seria um erro desdenhar a importância da razão no comportamento e atuação dos indivíduos e dos grupos organizados. Na vida cotidiana, no comportamento corriqueiro, quase sempre observamos alguns princípios racionais, por elementares que sejam.

c) A compreensão motivacional

Karl Jaspers ensina que a compreensão motivacional de um fenômeno psíquico acontece quando se relaciona com outro fenômeno psíquico do qual decorria ou com o qual mantém uma conexão de sentido. Assim compreendemos o sentimento de culpa, na sua motivação, como decorrência da consciência de haver infringido um princípio moral, desrespeitado uma obrigação que o próprio sujeito aceitava como válida; a culpa supõe um compromisso da parte da pessoa em relação ao objeto perante o qual se está em falta. Toda consciência culpada experimenta a necessidade de reparar sua culpa, seja compensando sua falta, seja aceitando um castigo. Assim, espera redimir-se de sua má ação ou omissão. Esse é o sentido tético da culpa.

Motivações e motivos

É bastante comum confundir motivações e motivos, embora não seja difícil perceber a diferença. A motivação se refere aos fatores determinantes do comportamento; são determinantes causais no caso das necessidades biológicas; são determinantes condicionais quando emergem como demandas e interesses.

Os motivos têm um caráter tético: revelam a finalidade apontada por uma ação ou comportamento: operam como as “razões” que sustentam uma conduta. Toda ação supõe uma finalidade, que em algum grau a justifica, pelo menos desde o ponto de vista do sujeito executante.

d) A compreensão simpática e empática

Existem famílias de palavras cujo significado nem sempre sabemos discernir bem. Simpatia, eupatia, apatia, empatia, é uma destas famílias. Todas elas com um núcleo comum – patia. Em grego, patia, patos, designa afeto, afeição, e esticando a palavra na direção de algo que nos afeta demais num sentido negativo, significa doença. Apatia supõe pobreza afetiva; eupatia designa um estado de bem-estar emocional. Simpatia e empatia se parecem bastante, mas são diferentes. Jaspers foi quem introduziu o conceito de empatia, tal como hoje o entendemos. Rogers postulou que a atitude empática era fundamental para o exercício da psicoterapia. Vejamos em que consiste a compreensão empática.

Podemos simpatizar com diversos tipos de pessoas. Tendemos a simpatizar com todos aqueles com quem nos identificamos de alguma maneira; diríamos que quanto maior é a identificação, maior é a simpatia. Simpatizar é sentir com, experimentar o que o outro também experimenta. Na simpatia nós abrimos ao

convite do outro, encontrando nele uma certa afinidade ou percebendo uma atitude propícia inclusive para exercer nosso senso de solidariedade ou de humanidade – como quando nos aproximamos de uma pessoa que está precisando de ajuda.

e) A compreensão genética, (generativa) e genealógica

Este tipo de compreensão esclarece as origens de um fenômeno vivencial e de alguns traços do caráter ou de determinado hábitos e projetos que caracterizam o mundo da pessoa. Estes traços podem ser meras acentuações de uma forma de ser ou apresentar as feições do sintomático. O que importa é estabelecer como se tem imposto nas linhas de vida do sujeito, mesmo que ele mesmo as considere perturbadoras e negativas. É o caso dos chamados vícios entendidoss como hábitos persistentes de caráter negativo -fumar, beber, etc. Por muito presentista que seja um terapeuta em cuja proposta do slogan do “aqui-agora” que o preceito do gestaltistas de primeira fornada, não pode ignorar algumas formas distintivas de relaciona-se a pessoa com os outros e com as objetualidades que formam seu mundo. Logo terá que pergunta-se como se formoram suas claras característica obsessivas-compulsivas ou suas tendências depressivas, ou sua atitude machista ou afeminada.

Entendida a compreensão na perspectiva da genealogia tal como a tem proposto Nietzsche e desenvolvida mais recentemente por Foucault a genealogia se aplica aos diversos fenômenos sociais, em especial a gêneses dos valores, em Nietzsche, e das instituições, no filósofo francês. As palavras que designam valores como bem e mal vão mudando no que designam nas diferentes épocas em que estão presentes. Basta pensar como tem mudado os conceitos relacionados com os valores da sexualidade. Virgindade, divórcio, infidelidade, homossexualidade e outras; tem perdido o peso semântico negativo que já tiveram num passado bastante próximo.

f) A compreensão linguística – semântica e semiótica

No plano da comunicação cotidiana, entendemos sem maiores dificuldades aquilo que nosso eventual interlocutor nos fala. Algo similar acontece quando lemos algum texto jornalístico ou com propósitos didáticos. Uma das preocupações dos redatores de textos pedagógicos é a clareza e a eliminação de qualquer ambiguidade. Em textos de caráter científico, o rigor no significado é uma exigência iniludível; tanto é assim, que os cientistas procuram inventar todo um vocabulário específico que elimine das palavras os significados adventícios, sugestivos ou conotativos.

São precauções necessárias quando queremos evitar ambiguidades e efeitos expressivos, que se prestem a interpretações. Nas organizações formais (empresas, indústrias, etc.) também se procura eliminar o efeito fofoca na transmissão de notícias; por esta razão as organizações emitem comunicados oficiais e nomeiam um porta-voz que informa o que se passa nessa entidade.

Entretanto, nem que tomemos todas as precauções, conseguiremos superar por inteiro as dificuldades apresentadas pela questão do significado. Para começar, o próprio significado de uma frase costuma ser problemático

Por enquanto, quero insistir que o significado é o que revela ou tenta transmitir um signo. O que é um signo? Falar de signos é entrar na sempre debatida semiótica, ou teoria geral dos signos. O famoso Pierce afirma que todo é um signo; penso que a compreensão intuitiva desmente esta tese do semiólogo norte-americano.

Considero uma definição aceitável a seguinte: O significado se relaciona com os atributos que conferimos a determinadas palavras e signos.

Por estar a questão do significado no centro da linguagem nos informa, nos modela, já que é preciso andar-se com cuidado com respeito a qualquer tese que conceda uma certa primazia da linguagem na estrutura ontológica da existência, sobretudo se o colocamos como o veículo da verdade. Eu diria que a linguagem é polissêmica, geralmente ambígua, um instrumento para os fins múltiplos, incluídos os mais duvidosos.

E aqui já entramos de cheio no problema da interpretação. E da hermenêutica.

Quando o significado de um texto, enunciado, narrativa – ou uma representação qualquer, pictórica, onírica, discursiva – é ambíguo, polissêmico, dúbio, metafórico, enigmático, nos vemos obrigado a procurar um sentido; para tanto, apelamos para uma interpretação.

A modo de breve síntese

Voltemos a Dilthey. Sua obra como historiador é de primeira; até diria que antecipou algumas ideias de Foucault; a ideia de episteme proposta pelo francês esta presente em Dilthey, pelo menos esta esboçada, sem a caracterização do pensador francês; percebeu muito bem que cada época é um mundo peculiar, com suas respectivas formas de conhecimento e de compreender suas realidades. Fez uma boa caracterização das diversas épocas da cultura ocidental de acordo com seus modelos de conhecimento predominante; e sobretudo caracterizou muito bem as diferenças entre ciencias naturais e ciencias humanas. E para não omitir algo que entendo como plenamente válido destacou a interioridade em suas conexões e mútua interação com a exterioridade, o subjetivo e o objetivo, sem chagar a comprometer-se com a triade hegeliana do espírito absoluto.

Livros e textos recomendados:

- Dias Saldes, J.(2006). Ciencias naturales y ciencias del espíritu en la perspectiva de Dilthey. Revista philosophica, No. 30, Chile.
- Coreth, E. (1973). Questões fundamentais de hermenêutica. San Paulo, Brasil: Univ de S.Paulo.
- Dilthey, W. (1911). Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica. Viaveritas. Todas as citas numeradas estão neste livro.
- Dilthey, W. (1948). Introducción a las ciencias del espíritu. Madrid, España: Espasa-Calpe.
- Dilthey, W. (1874): Teoría de las concepciones del mundo. Madrid, España: Rev. De Occidente.
- Dilthey, W.(2000) Dos escritos sobre hermenêutica. El surgimiento de la hermenêutica y los esbozos de una crítica de la razón histórica. Madrid, España: Agora de ideas.
- Lorenzo, L. M. (2013). Intr. A la fenomenología del espíritu: Vida e historia en la filosofía Diltheyana. La Plata, Argentina.

Palmer, R. (2002). *¿Qué es la Hermenéutica?* Madrid, España: Arcos libros.

Ribot, T. (1908). *Psychologie des sentiments*. París, Francia: Felix Alcan.

Romero, E. (2015). *As dimensões da vida humana – Experiência e existência*. S. José dos Campos, Brasil: Della Bídia.

(*) Os autores de orientação sócio-vitalista e os existencialistas compartilham alguns postulados (a liberdade, a historicidade, as possibilidades, etc.), mas os primeiros acentuam sobretudo os lados mais propícios para a realização humana; prestam também mais atenção aos fatores sociais e históricos da realidade humana, e mostram um interesse restrito à fenomenologia husserliana e não dão ênfase aos aspectos ontológicos.

Curriculum

Psicólogo Clínico. Ex profesor de varias universidades en Brasil. Autor de numerosos libros y artículos científicos y literarios.

Miembro fundador y de honor de ALPE.

Correo de contacto: emiliorom@terra.com.br

Fecha de entrega: 6/01/18

Fecha de aceptación: 22/01/2018

ANÁLISIS CUALITATIVO DEL ENCUENTRO TERAPÉUTICO EN EL CASO DE UN PACIENTE CON RASGOS ESQUIZOIDES

Flórez-Donado, Jennifer, Arrieta-López, David
y De Castro-Correa Alberto

Lugar de trabajo: Universidad del Norte y Universidad de la Costa, Barranquilla, Colombia.

Resumen

Desde la psicoterapia fenomenológica existencial, la relación terapéutica existe bajo la cualidad de un contexto particular definido por la relación intersubjetiva entre el psicoterapeuta y el paciente, o coagente. El presente estudio cualitativo de caso único tiene la pretensión de generar comprensión teórico-práctica sobre la importancia de la relación dialéctica y psicoterapéutica como base de la psicoterapia fenomenológica existencial; utilizando como recurso metodológico, el estudio de caso a través del cual se propende inmiscuir al lector en el mundo fenomenológico de estructuras significativas, que se forma en la relación entre coagente (paciente) y terapeuta y que se conceptualiza como un encuentro genuino entre éstos dos.

Palabras claves

Encuentro, esquizoide, supuestos básicos, ansiedad.

QUALITATIVE ANALYSIS OF THE THERAPEUTIC ENCOUNTER IN THE CASE OF A PATIENT WITH SCHIZOID TRAITS

Abstract

From the existential phenomenological psychotherapy, the therapeutic relationship exists under the quality of a particular context defined by the intersubjective relationship between the therapist and the patient, or co-agent. This qualitative study of case claim to generate theoretical and practical understanding of the importance of the dialectical and psychotherapeutic relationship as the basis of the existential phenomenological psychotherapy; used as a methodological resource, the case study through which tends to enter to the reader into the phenomenological world of significant structures, which is formed in the relationship between co-agent (patient) and therapist and that is conceptualized as a genuine encounter between these two.

Keywords:

Therapeutic encounter, schizoid, basic assumptions, anxiety.

1. Introducción

El ser humano, a causa de su condición, busca formas especiales de relación con el mundo, para así tomar una posición ante sus vivencias. Este tipo de relación da origen a la construcción que cada hombre hace del mundo. En el caso de la personalidad esquizoide, el individuo posee dos rasgos que lo caracterizan: la ausencia de relaciones con otras personas y el anhelo o deseo de no experimentarlas. Los sujetos esquizoides son tímidos e introvertidos, incluso suelen ser tildados de ensimismados o de parecer ausentes. A estas personas se les dificulta tener y además mantener relaciones con otros. Son personas que no tienen la capacidad o los recursos necesarios para afrontar las diferentes situaciones que puedan surgir en diferentes ámbitos a lo largo de la vida. Al esquizoide se le dificulta recibir y dar afecto a otros por eso su cualidad de solitario. Para comprender el proceso experiencial del esquizoide, desde la psicoterapia existencial, tenemos que hacerlo a la luz de la ansiedad frente a los supuestos básicos de la existencia.

1.1 Ansiedad, supuestos básicos de la existencia, deseo y voluntad

La experiencia de ansiedad desde la psicoterapia existencial se desprende del afrontamiento del ser frente a los supuestos básicos de la existencia. Los supuestos básicos de la existencia son las preocupaciones básicas y/o esenciales que inevitablemente forman parte del ser en el mundo (Yalom, 2000).

La muerte, la libertad, el aislamiento y la falta de sentido vital son los supuestos básicos de la existencia según Yalom (2000). La muerte entendida en la relación del ser con la consciencia de lo inevitable, de lo finito, del deseo de seguir existiendo y perpetuar nuestra vida. La libertad comprendida como la tensión por la consciencia frente a la absoluta responsabilidad de ser los únicos responsables de nuestra propia vida y de nuestras libres acciones y múltiples posibilidades de elegir en un mundo que por sí solo carece de estructura y base. El aislamiento que evidencia la consciencia de sabernos y sentirnos solos y nuestro deseo perentorio de contacto, protección e integración con los otros y la falta de sentido vital que configura la dinámica existencial de buscar la creación de signifi-

cados dentro de un mundo que por sí solo carece de sentido (Yalom, 2000).

El modo en que el ser se relacione con esos supuestos básicos configurará la experiencia de ansiedad de forma constructiva o destructiva, confirmándose así que la ansiedad es un aspecto ontológico y fundamental de la vida misma y siempre presente durante la existencia del ser (Spinelli, 2000; May, 1977; De Castro, 2005; De Carvalho, 1992).

Por su parte, los conceptos de deseo y voluntad se encuentran, al igual que la ansiedad, vinculados ineludiblemente a la existencia del ser-en-el-mundo. El deseo implica la facultad de elección de la estructura el futuro. En este orden, la enfermedad es vista como la incapacidad de reconocer experiencialmente, los propios deseos y el sentido que éstos tienen (deseo); así como la imposibilidad para afirmar estos deseos en la acción, a través de la voluntad. Es decir, que, en palabras de May (1990) "no es el deseo lo que causa la enfermedad, sino que es la falta de deseo" (p. 175), como forma de constatar lo anterior, May (1990) también expresa que

Sin deseo la voluntad pierde su savia vital y tiende a extinguirse en la autocontradicción. Si ustedes tienen solo la voluntad sin deseo, tiene al estéril y neopuritano hombre victoriano. Si tiene solo deseo sin voluntad, tienen a la persona forzada, aprisionada, infantil, que, cual adulto que se ha quedado niño, puede volverse hombre robot (p. 213).

1.2 Personalidad y proceso experiencial del esquizoide desde la psicología fenomenológica existencial

Con base al punto de vista de la ansiedad la mayor dificultad del esquizoide consiste en que pierden tranquilidad al pensar en tener que entregarse. Storr (1968) afirma que "la persona esquizoide es fría, distante y desapegada, condiciones que pueden estallar en agresiones fuertes y constituir una compleja máscara de un anhelo de amor escondido y reprimido". Por otro lado, Riemann (1996) en cuanto al vínculo que experimenta un esquizoide con las demás personas, sostiene que la angustia se acentúa con la proximidad con los otros y esto se vivencia como algo especialmente peligroso, al igual que los sentimientos de simpatía, cariño y amor, que son los que más nos ligan a nuestros semejantes. Ello explica por qué en tales situaciones, precisamente, se muestra distante, hosco e incluso, hostil. Se retrae más cuanto mayor sea la proximidad de otra persona, cuanto más cerca se encuentre la posibilidad de amar y/o ser amado.

Para el esquizoide, cualquier acercamiento de otra persona es una causa o razón de angustia porque este acercamiento aumenta la posibilidad de dar o recibir amor y esa es su mayor dificultad y temor. De acuerdo a May (1990) la experiencia amorosa se puede definir como: "cuando amamos, abandonamos el centro de nosotros mismos. Somos arrancados de nuestro anterior estado de existencia y arrojados a un vacío, y aunque esperamos alcanzar un nuevo mundo, una nueva existencia, nunca podemos estar seguros de lograrlo" (p. 94). En el ámbito amoroso el esquizoide vivencia un conflicto ya que acostumbra esforzarse

por resolver todo solo, como si trabajara consigo mismo como pareja de forma ególatra. El contener la capacidad de dar amor y entregarse puede dar lugar a que esta surja en ocasiones en forma de delirio o celos. En base a su conducta el esquizoide advierte que no merece ser amado y que así mismo es incapaz de dar amor a otros; sospecha o considera que por esas razones ninguna persona querrá vincularse con él o ella. El esquizoide enfrenta la ansiedad a través de su mayor defensa que consiste en tener tanta independencia como le sea posible. Esta independencia siempre viene acompañada de egocentrismo que a su vez conlleva o va de la mano con el aislamiento.

Con respecto al tratamiento psicoterapéutico con personas con personalidad esquizoide Riemann (1996) afirma que:

En la psicoterapia de individuos esquizoides, se entra en contacto con estados límite, que permiten graduar la calidad de riesgo que la existencia humana supone. En efecto podemos aprender de dichas personas lo que es importante, desde el punto de vista existencial, para los seres humanos y, por otra parte, los factores familiares y sociales que ponen en peligro nuestra evolución. Lo cierto es que cuando estas personas consiguen aguantar y superar su sufrimiento y sus angustias, alcanzan los más altos niveles humanos. (p. 63)

En la personalidad esquizoide se vivencia una desconexión del ser con las relaciones interpersonales y un déficit significativo de la capacidad de expresión afectiva; generalmente se ven a sí mismos como personas autosuficientes y experimentan la sensación de estar desconectados del mundo, aspecto que los lleva a evidenciar una muy marcada tendencia al aislamiento y la soledad; perciben a los demás como personas a las que no necesitan y de los que es mejor aislarse porque podrían inestabilizarlos emocionalmente; tienden a ser reservados e introvertidos y con dificultades para establecer amistades; prefieren relaciones distantes y parecieran no tener ninguna satisfacción en las actividades que implican interacción social (Penado & González, 2015; Martens, 2010; Oldham *et al.*, 2007; Millon & Davis, 1998). El esquizoide presenta dificultad para el placer, presenta alteración en la expresión de sentimientos y emociones, frialdad emocional y embotamiento afectivo (Carrazo & Maza, 2005); su estilo cognitivo es empobrecido, su estado anímico apático y usa la intelectualización como mecanismo defensivo frente a su necesidad deseo de aislamiento (Millon & Davis, 1998). La falta de vitalidad, su preferencia por las actividades solitarias y su escaso nivel de consciencia e interés por la vida de los demás también son características del sujeto con personalidad esquizoide (Rasmussen, 2005). Describen sus experiencias y reminiscencias de manera impersonal y con evidente mecanicismo y falta de especificidad y claridad; lo que refleja su mundo interno vacío; manifiestan escasas necesidades afectivas o sexuales y parecieran incapaces de vivenciar el placer, la ira y la tristeza (Penado & González, 2015).

La personalidad esquizoide, se encuentra entre las más severas y se caracteriza por el temperamento desarmónico y los rasgos de carácter que lo separan de la condición humana. En esta personalidad, los

individuos no disfrutaban la auto-realización porque carecen del sentimiento de pertenencia a un grupo social (Comte-Sponville, Delumeau & Farge, 2004). También, presentan rasgos como la actitud pasiva, la indiferencia, la perversión sexual, el ancla débil en la realidad, rica imaginación y el comportamiento con motivaciones bizarras, rígidas y resistente a cualquier influencia externa (Loranger *et al.*, 1991). De acuerdo con Livesley (1998), los esquizoides tienen poca voluntad de cambio, lo que los hace menos dispuestos a aceptar el tratamiento y también más resistentes a cualquier estrategia terapéutica (Tyrer, Mitchard, Methuen & Ranger, 2003).

En lo que refiere a el concepto de sí mismo Markus & Cross (1990) y Stein & Markus, (1996) plantean que es débil en su estructura y no favorece las estrategias adaptativas y el comportamiento interpersonal del individuo (Graziano, Jensen-Campbell & Finchy, 1997). También la deficiencia de apego, así como el comportamiento indiferente y evitador del individuo contribuye a la misma (West, Rose, & Sheldon-Keller, 1994). Camisa *et al.* (2005); y Costa & Widiger, (1994), describen como rasgos de la personalidad esquizoide, la escasa extroversión y concientización que configuran esta compleja estructura de personalidad condicionada biológica, psicológica, social y espiritualmente. Akhtar (1987) plantea que el paciente parece distraído, desapegado, banal, autosuficiente y pasivo; enmascarando su hipersensibilidad, necesidad emocional, hipervigilancia, tendencia hacia la perversión y corruptibilidad y también su potencial creativo. Estas polaridades son evidencia de una difusión de la identidad que se niega a anclarse en la realidad y termina aislada en búsqueda de la supervivencia psíquica mínima. Harper (2004) afirma que estas personalidades son carentes de espontaneidad, animación y que, en efecto son individuos planos que carecen de aspectos emocionales en la comunicación; parecen desencajados o fuera de sincronía con la interacción que tiene lugar alrededor de ellos; no le temen al rechazo, sino que son indiferentes a este. Los individuos esquizoides no necesitan escapar del ambiente social ya que poseen la capacidad de apartarse en sí mismos. Sólo en casos de demandas sociales ineludibles, podrían mostrar un comportamiento más desorganizado.

1.3 La relación terapéutica como encuentro

Son varias las definiciones hechas por algunos autores sobre la terapia fenomenológica, considerando el enfoque como la relación natural y primaria entre el terapeuta y el paciente (Meams & Thome, 1998). La relación terapéutica es un ejercicio de relación entre dos seres humanos, entendiendo a la terapia como el mecanismo en que la persona será curada o en palabras de Heidegger (1974) obtendrá la *sörge* o cuidado del ser. La dinámica de la terapia es una construcción en doble vía en donde la innovación de la misma da pie a encuentros futuros. May (1992) plantea que la terapia es fundamental para el nacimiento del Yo, una relación donde terapeuta y paciente exploran libremente el estadio interpersonal en lo colectivo.

Para Yalom (2002) por ejemplo, la terapia hace parte de un microcosmos inmerso en el contexto social, en otras palabras, la experiencia vivencial del paciente y su relación con el mundo y la sociedad se abordan libremente, razón por la cual la terapia debe contar con una intención verdadera. Romero (2003) considera a la relación terapéutica como un encuentro que va más allá de una mera relación terapéutica con el paciente y que tiene como base cinco (5) supuestos que hacen que se diferencien de otras maneras de relacionamiento.

Parte de estos supuestos podrían definirse en primera instancia, en cómo los objetivos, el encuentro y los roles terapéuticos se encuentren claramente definidos. Segundo, la personalidad del terapeuta que favorece el desarrollo y progreso de la terapia. Tercero, el consentimiento mutuo, confidencialidad y valoración de la intimidad por parte del profesional. Cuarto, una relación en doble vía donde se demuestre una intención y compromiso de cambio y, por último, la distancia terapéutica como mecanismo de protección de ambos individuos. Romero (2003) sugiere además que un despojo de los paradigmas y esquemas mentales adquiridos para un sano encuentro con el otro, sin desestimar que las técnicas y teóricas serán el vehículo para hallar soluciones y de este modo alcanzar las metas propuestas.

1.4 Saberes del terapeuta

Desde la terapia existencial, existen 4 obligatoriedades con las que debe contar el profesional, comenzando por la ética, compromiso hacia los objetivos, crecimiento espiritual y en sus saberes-actitudes.

Romero (2003) establece unos parámetros para iniciar una terapia, comenzando por los saberes teórico-prácticos, que son fundamentales para la fluidez de la terapia. El primero de ellos es saber acoger, que consiste en crear una relación afectiva para la apertura del paciente, libre de esquemas o prejuicios. El autor lo divide en tres instancias: La invitación, la apertura y la confianza. Un ejercicio que le permita al paciente sentir seguridad consigo mismo y con los demás. Luego, saber acompañar, este segundo saber, tiene relación con la empatía, cuya definición va hacia la capacidad, voluntad y disposición de estar en los zapatos del otro, para así captar de manera genuina y auténtica los instantes y momentos emotivos y lograr comprenderlos desde la perspectiva del paciente (Arango & Moreno, 2009; Romero 2003).

Empatía es la habilidad de reconocer y estar a tono con los estados emocionales de quien recibe la terapia y es la herramienta primordial de cualquier terapeuta para un ejercicio exitoso. De este modo, Sassenfeld (2010) afirma que:

“Al advertir, tolerar, contener y modular afectos disruptivos, el psicoterapeuta posibilita la integración de estos en la organización del self, ampliando al mismo tiempo el acceso consciente a la diversidad experiencial inherente a la dimensión afectiva y los fundamentos mismos del self” (p. 581)

El tercer saber es el Saber Escuchar, es decir estar en disposición y escucha activa para recibir cada palabra y emoción del paciente, o en otras palabras es la ca-

pacidad de omisión del terapeuta, pues en muchas ocasiones al terapeuta le cuesta guardar mesura y silencio frente a diferentes puntos de vista del paciente. Romero (2003) sostiene que no es misión sencilla estar sin necesidades de expresión. La conjunción de estos saberes es para el terapeuta un camino ineludible y obligatorio, pues a partir de ello, la comprensión sobre la experiencia del paciente será de forma posible y positiva.

1.5 La sesión terapéutica: el aquí y el ahora

El objeto de la terapia desde el enfoque fenomenológico existencial de acuerdo a May (2000) es la relación de dos personas existiendo en un mundo, mundo que en ese momento es el espacio de consulta entre paciente y terapeuta, de ninguna forma va ligado hacia la enfermedad, historia clínica o síntoma. Lo anterior, dicho en otras palabras, se interpreta como una relación o vínculo entre el terapeuta y el paciente dando mayor ponderación a lo experimentado frente a lo explicado y al nivel empático por encima de la interpretación. Yalom (1984) sostiene que los terapeutas existenciales, han trabajado desde siempre por la comprensión del mundo visto desde el paciente y no desde lo que la sociedad y la norma presentan. Lo que además permite trabajar los fenómenos del ser a partir de procesos de potencialización del ser-aquí.

Signorelli (2012) expone que el papel del terapeuta va hacia la intención de ser para el otro, en el aquí, el ahora y entre nosotros; un ser en disposición y disponible. Se fusionan el tiempo, el espacio y la presencia de dos seres en un solo sentido: Una transcendencia mutua. El aquí y el ahora en la terapia existencial, incluye una separación entre la intencionalidad y el sentido de la experiencia actual, en cuyo proyecto de vida, el sujeto quiere afirmar y desarrollarse en el continuo presente-futuro. Sin embargo, esta es una modificación inapropiada del término, que se utiliza para recompensar sin premeditación ganancias irrelevantes o secundarias de forma expresa, lo cual no trae consigo dar atención y contrastar a la esencia e intención de la propia existencia (De Castro & García, 2008). En este sentido, es relevante para los autores, hacer claridad sobre el aquí y el ahora, que no concibe el hoy en quietud apartado del pasado y del futuro.

Los terapeutas existenciales, dan un alto valor a la realidad creada entre el paciente y terapeuta, para abordar acertadamente el tratamiento, pues es aquí donde se revela la intencionalidad y la cosmovisión del paciente. Dentro de la terapia, los problemas reales del mundo también pueden aparecer dentro del consultorio. El paciente no puede enajenarse de sí mismo, por lo que llega a la terapia con su historia de vida desnuda para enriquecer la experiencia del aquí y el ahora, por ello el terapeuta va evaluando la evolución y desarrollo en la relación entre los dos (Becker, 1992).

Yalom (2003) la dinámica de hacer presencia fomenta la cercanía, responsabilidad, contacto y foco en lo que es recíproco entre terapeuta y paciente: el vínculo sincero y responsable sobre los acontecimientos de la experiencia.

1.6 Técnicas existenciales de intervención

La verdadera sanación se haya en el vínculo, plantea Yalom (2003) de acuerdo a las técnicas utilizadas en la terapia existencial y que continúan vigentes en el desarrollo de las mismas. Para el autor, existe un orden lógico para llegar al éxito de la terapia: el vínculo, la relación y por último las técnicas. Al darle prioridad a la técnica es posible que abandonemos al otro, si existe una conexión genuina con el paciente, la primera intención del terapeuta es la de estar ahí para ayudar, pues la técnica no es la prioridad del encuentro. El encuentro genera sensación de libertad, el amor libera, el valor permite contar con opciones no contempladas por el sujeto. No es el terapeuta ni la técnica como tal, es el vínculo que se presenta lo que realmente sana. Una relación expresa de dos personas que están en voluntad y disposición de ayudar y ser ayudado. Schneider & May (1995) abordan cuatro técnicas desde la terapia existencial para el desarrollo de la psicoterapia:

1.6.1 Invocar lo actual

De Castro & García (2008) refieren que invocar lo actual, coincide con la necesidad de una comprensión sentida o experimentada de la manera en cómo se crean vínculos con uno mismo como protagonista en tiempo presente. Esto requiere el trabajo del aquí y el ahora, el sentir del paciente y su relación entre lo que siente con el mismo y con el terapeuta. En otras palabras, el proceso experiencial es vital para que el terapeuta se focalice su atención a la interpretación de la realidad expuesta por el paciente en la terapia (Yalom, 2002).

Schneider & May (1995) citan que es pertinente tener en cuenta, que en el instante de traer el presente cuando el paciente ha hecho frente a su ansiedad o a una situación dolorosa, el terapeuta deberá trabajar por estar siempre en sintonía ante la vivencia expresada y seguir en el trabajo mancomunado con el paciente para que éste vea en el terapeuta la confianza y seguridad que necesita para hacer de su situación una transformación positiva y constante.

1.6.2 Vivificar y confrontar las resistencias

En esta estrategia, paciente y terapeuta trabajan desde el sentir y la experiencia la manera en que se bloquean y reprimen sus alcances y posibilidades desde el ser. Tiene que ver con evidenciar, indicar, comprender y trabajar en pro del paciente para que aprenda a dar frente a las situaciones desde el sentir experiencial y desde la intención genuina. La idea de hacer palpables y conscientes las resistencias del paciente, requiere un trabajo del terapeuta primero desde la intencionalidad y luego de la manera en que el mismo se concibe desde la experiencia, para luego de ahí tener claridad en cómo no potencializa o bloquea sus múltiples probabilidades presentes de ser y su necesidad y disposición para cambiar (De Castro & García, 2008). El profesional debe velar por el proceso de creación del paciente, porque si experiencialmente tiene claro el sentir del paciente y logra transmitir la instrucción y

ventaja que logra al hacer o no cierta acción, el sujeto encontrará experiencialmente y consciente la auto-motivación de cambio.

1.6.3 Creación de sentido

Bajo esta estrategia el terapeuta busca ser adaptativo para identificar la intencionalidad de cada sujeto de acuerdo a sus valores, gustos y requerimientos específicos, a la vez que busca entender como experiencialmente lo que el sujeto gana u obtiene en la afirmación de estos intereses, así de esta manera se direcciona a trabajar el para qué. Schneider & May, (1995) complementan que el terapeuta intenta entender la intencionalidad del paciente desde las creencias éticas centradas y del dinamismo y voluntad afectiva de este frente a la cotidianidad. El terapeuta encuentra en esta estrategia su reflejo en el paciente basado en lo que está desarrollando, además lo que pretende desde la intencionalidad y las decisiones que está tomando lo lleven al dinamismo de la propia existencia, el despertar que es hacia la búsqueda del algo, alguien o hacia algún lugar. De Castro & García (2008), complementan que es necesario y de importancia durante la sesión experiencial, incluir las sensaciones anteriormente vividas desde el cuerpo ante una experiencia específica, lo que cuál llevará a adentrarse a su propio sentido.

1.6.4 Presencia

Schneider & Krug (2009), sostienen que la presencia tiene como fin la reciprocidad entre terapeuta y paciente para iluminar la cosmovisión que el sujeto crea en la sesión terapéutica. Rothstein (1988) afirma que el terapeuta a través de su sensibilidad, toma peculiar atención sobre lo que dice, como lo dice y que comunicación no verbal usar en la sesión para crear empatía. La presencia es fundamental para el terapeuta existencial por el llamado encuentro. Schneider & Krug (2009) exponen que la presencia recoge características como en las habilidades cognitivas, las disposiciones, la espontaneidad y la reciprocidad por parte de ambos, paciente y terapeuta, y apuntar particularmente al aquí y el ahora, haciendo de la terapia una experiencia vigorosa. De Castro & García (2008), resaltan que la presencia va en dirección de comprender la experiencia presente sentida desde todos los ámbitos en su relación o vínculo entre terapeuta y paciente.

2 Método

2.1 Tipo de investigación

Dadas las características y el objetivo de la investigación, se realizó un análisis cualitativo del caso en estudio. La investigación cualitativa o metodología cualitativa es un método de investigación usado en las ciencias sociales basado en cortes metodológicos dirigidos por principios teóricos como la fenomenología, hermenéutica, la interacción social empleando métodos de recolección de datos, con el fin de explorar y comprender las relaciones sociales y brindar cualidad de la realidad tal como la experimentan los

individuos. La investigación cualitativa requiere una exhaustiva comprensión del comportamiento humano busca entender las razones de los diferentes aspectos de tal comportamiento

Según Lincoln & Denzin (1994), la investigación cualitativa es un campo interdisciplinar, transdisciplinar y en muchas ocasiones contradisciplinar que atraviesa las humanidades, las ciencias sociales y las físicas.

2.2 Técnicas

2.2.1 Estudio de caso

Los estudios de caso se basan en la compilación de información minuciosa sobre un sujeto o grupo en particular, a lo largo de un extenso periodo. El material se produce básicamente en las observaciones directas o entrevistas en profundidad. Suele utilizarse en contextos de salud mental. Rodríguez (1999) considera que el estudio de caso involucra un proceso de pesquisa que se caracteriza por el análisis detallado, comprensivo, sistemático, y en profundidad del caso objeto de interés.

La ventaja de esta técnica y el motivo por el cual se eligió para el presente estudio es debido a que suministra mayor información sobre procesos intrínsecos y complejos de la experiencia de vida de los seres humanos, facilitando una mejor aproximación al sujeto evaluado.

2.3 Procedimiento

La orientación metodológica con la que se abordará este estudio es el enfoque humanista fenomenológico existencial. El método fenomenológico - como expresión directa de la filosofía fenomenológica expuesta por Edmund Husserl (1859-1938) - se dirige al abordaje de la realidad, partiendo del mundo interno del individuo. En este sentido como lo afirma Martínez (2001), la fenomenología y su método surgieron y se desarrollaron para estudiar estos contextos como son en sí, por lo cual se consiente que éstas se revelen por sí mismas sin imponer su estructura desde afuera, sino respetándola en su conjunto. De acuerdo a esta perspectiva metodológica se procede de la siguiente forma:

- Familiarización (lectura y relectura para la comprensión del sentido de totalidad).
- Demarcación de la experiencia (texto) en Unidades de Sentido
- Categorización – tematización de las Unidades de Sentido.
- Transformación (en lenguaje psicológico) de las Unidades de Sentido categorizadas-tematizadas a la luz de la relación terapéutica.
- Clarificación de las propias reacciones ante cada unidad de sentido y categorización.
- Análisis de las divergencias y convergencias.
- Entrevista final de devolución.

3. RESULTADOS

3.1 Descripción detallada de las sesiones

3.1.1 Primera sesión. Entrevista con los padres E.P.C. (marzo 4 del 2016)

Se presentan al Centro de Atención Integral Santa Rosa de Lima; ubicado en la ciudad de Barranquilla el día 4 de marzo del 2016; los padres de E.P.C.

Acto seguido, les doy la bienvenida; se sientan frente a mí y les pregunto ¿Cuál es el motivo por el cual acuden? Es la madre quien toma la iniciativa al empezar a relatar, el caso de su hijo por quien está muy preocupada. Se nota en su manera de expresar, una fuerte ansiedad que tensiona el ambiente. Habla rápido, sin pausas, no llevando un orden de todo lo que quiere manifestar acerca del comportamiento de su hijo. En principio comenta ¿Qué ella no sabe qué hacer?; dice que se porta bien en la casa pero que es muy desordenado, deja la ropa en el piso y no obedece la orden de recogerla; se pasa en el día durmiendo porque la noche la dedica a los video juegos; es desarreglado con su cuerpo, no se asea, se la pasa encerrado en su cuarto; no queriendo tener interrelación con las personas de su edad; no le gusta salir y participar en reuniones familiares; discute permanentemente con todas las personas, sobretodo disiente con sus padres. La madre reconoce que lo trata fuerte, porque la desespera que no siga las reglas de la casa. Lo descalifica a nivel personal; situación que hace que E.P.C. reaccione con grosería y se distancie mucho más de sus padres; la madre le habla a los gritos, situación que no favorece la interrelación familiar. Se presenta al Colegio todos los días con la camisa afuera a pesar de que el protocolo del Colegio exige la camisa por dentro; no respeta a las figuras de autoridad; en el colegio, discute fuertemente con sus docentes y los desafía, sin importarle las consecuencias que le acarreen. Le pregunto al padre: ¿qué quisiera agregar sobre el caso de su hijo? A lo que contesta que está de acuerdo con lo que ha dicho su esposa. La madre continúa relatando que a nivel social discute permanentemente con sus compañeros de clase. En las clases de religión, manifiesta que es ateo, situación que crea malestar entre sus compañeros y profesores; pero él no deja de expresar lo que siente. Terminada la sesión les pregunto: ¿Qué esperan del proceso que llevaremos a cabo con su hijo? Responde la madre, que desea que socialice más, que sea amable con las figuras de autoridad y respete, que no sea grosero, que, en el hogar, siga las normas; se duerma temprano, que haga las tareas escolares, que no pase tanto tiempo jugando video juegos y que se preocupe por su higiene y presentación personal. Muy respetuosamente sugiero que las descalificaciones a nivel personal como el uso de palabras fuertes, debe finalizar. Cuando se vaya a hacer una corrección, no se debe señalar a E.P.C. a nivel personal, sino que sería más asertivo señalar el comportamiento que debe corregir, para que aprenda a hacerse cargo de sí mismo, se haga responsable de sus propios actos. Además, es muy importante tener apertura para escucharlo y exprese lo que siente y no se sienta juzgado. El padre no acepta en su casa lenguaje soez, le ordena que no hable en ese momento, porque no está dispuesto a escucharlo. Le pregunto al padre: ¿Qué tipo de len-

guaje soez utiliza su hijo? El padre responde: el que utilizan los jóvenes de la edad de él, todos los días; le respondo: si usted quiere que su hijo maneje un lenguaje más formal; es bueno que le explique que puede decir el mismo mensaje que le estaba dando, con las palabras adecuadas, de esa manera usted le está enseñando a su hijo, cuál debe ser la forma correcta para expresarse delante de ellos y de los demás. A la madre le sugiero modular el tono de la voz; procurar tener más paciencia, tener dialogo afectivo, promoviendo la comunicación asertiva; mantener actitud de apertura escuchando lo que su hijo siente y quiere decirle. Al padre le manifiesto la importancia de compartir tiempo con E.P.C y que ese tiempo sea productivo desde el punto de vista de relación afectiva, comunicación asertiva; que ambos tengan un espacio de juego durante la semana para fortalecer el vínculo. También le expreso que cuando el cuarto de su hijo, esté desordenado le señale con palabras adecuadas y sin gritarle que lo organice el mismo; para ayudarlo en su autonomía y responsabilidad y que si E.P.C. se observa apático y no hace caso a los comentarios de los adultos; es importante preguntarle cómo se siente y comprender que está sucediendo al interior de E.P.C en ese momento. Confieso que, como terapeuta, en el encuentro, me sentí cohibido para hablar, tratando de encausar la conversación organizada debido a que la madre de E.P.C. se expresaba de una forma muy fluida y rápida, saltaba de un tema al otro, no llevaba una secuencia de lo que decía y sentía que trataba de controlar el momento de la consulta.

Creo que muy respetuosamente y con mucha sutileza hubiera podido haberla interrumpido respetuosamente, para ayudarlo a organizar las ideas y profundizar mucho más en la relación de ella con su hijo; no obstante, las recomendaciones que hice tuvieron un efecto positivo, ya que fueron receptivos y aceptaron respetuosamente mis recomendaciones.

3.1.2 Segunda sesión. Primera entrevista con E.P.C. (marzo 11 del 2016)

Recibo a un adolescente que me mira fijamente a los ojos con agresión, desconfianza, con mucha rabia. Al principio de la entrevista; no responde a las preguntas que le hago y cuando habla, su expresión lingüística es pobre, habla en bajo tono, con los ojos cerrados, como expresando malestar. Cuando habla no se le entiende nada de lo que dice. Lo único que me dice es que espera que no me dé por vencido con él tan rápido. Me sentía confundido.

E.P.C. me dice que tuvo terapeutas con anterioridad y no pudieron con él. Le decían lo que él tenía que hacer con su vida y discutían todo el tiempo. Así que siguió diciéndome, "lo único que te pido es que no te des por vencido conmigo, porque todos los demás me dejan sólo". Lo acojo y le digo que en este espacio lo importante es conocernos primero, que mi intención nunca será discutir con él. Me mira ligeramente serio y le pregunto: ¿qué te gustaría conseguir en este proceso terapéutico que estamos empezando?, ¿Qué deseas realmente para ti? A lo que me responde que desea conocerse mucho más a él mismo; dice que él no tiene problemas, que él está muy bien y que lo

remitieron a la terapia porque la Psicóloga del colegio lo vio muy sólo y triste y le pregunto, ¿qué le pasaba? y él le respondió que estaba normal, que no tenía nada. Nuevamente yo le pregunto: ¿Qué sentías en ese momento? y me responde que estaba enojado con sus padres que lo presionaban con lo académico y le quitaban los video juegos porque pasaba mucho tiempo jugando. Se sentía también enojado con los profesores de física, química y otras asignaturas que rechazaba; también se sentía enojado con sus compañeros; se sentía muy mal; no escuchado y rechazado. “Me siento mal” ¿Porque tengo que ir al colegio?, odio el colegio, no me interesa. A mí lo único que me interesa son los video juegos” dijo E.P.C. Entonces yo, demostrando empatía y calidez, lo invito a que me hable de los video juegos; y empieza a hablarme de juegos de guerra y supervivencia, sobre todo de Resident Evil; que a mí también me gusta. Se comienza a establecer la alianza terapéutica. Entra a fortalecerse el vínculo al encontrar al psicoterapeuta que lo entiende y que no va a juzgarlo y muchísimo menos descalificar, en eso quería convertirme.

Retomo el tema del colegio y las relaciones de los compañeros. Le solicito que me cuente un episodio donde haya discutido y sentido mucha rabia y empieza por contarme que en la clase de religión él decía que era ateo y todos lo atacaron. Me comentó, que algo que lo hizo sentir muy mal, fue que una Psicóloga una vez le dijo a él delante de sus amigos: “así que tú eres ateo, tú estás peor que los demás”. Refiere E.P.C. que sus compañeros de clase menospreciaban las intervenciones que él hacía; que todo lo que él decía era para llamar la atención. Que era un adolescente rebelde y que su ateísmo se le iba a pasar; que eso lo decía por inmadurez. También los compañeros y compañeras criticaban ofendiéndolo. No obstante, es bueno también resaltar, que él era muy ofensivo e intolerante a las creencias de los demás; despreciaba, descalificaba y criticaba a sus pares e incluso adultos. Yo le pregunto: ¿Te gustaría que te contara lo que me dijo tu madre sobre ti? Me responde afirmativamente moviendo la cabeza. Tu madre me dijo que tenías baja autoestima. Me responde: “Ese es el problema de ella, siempre me ve como a un inútil, que tengo baja autoestima. Mi autoestima está bien, ella siempre me grita y me maltrata, igual lo ha hecho mi padre”. Le preguntó: ¿Cómo te sientes ahora mismo cuando recuerdas como te han tratado tus padres? Hace una pausa, cierra los ojos, muestra expresión de cansancio en su cara; se quita los zapatos, se acuesta en el sofá, dice que se siente mal, muy mal. Se cierra y dice que no quiere hablar más. Comenzó a hablar en un tono muy bajo, como timidez y desconfianza, no se entiende lo que dice. Le digo que entiendo que se sienta mal y que no quiera seguir hablando. “Vamos a tu ritmo no tenemos prisa, lo importante es que aquí tengas un espacio para ti mismo. Estoy notando que te agota hablar de tus padres, te muestras cansancio”. Dijo a E.P.C. A lo que responde que se siente agotado cuando se trata de hablar de sus padres; que la madre se queja todo el tiempo y que el padre se pone de acuerdo con ella y le desconecta de los video juegos; que le exigen muchas cosas que no desea hacer. Le respondo: Muy interesante y muy profundo, te invito a

que hablemos de esto en la próxima sesión. Nuevamente le pregunto: ¿Cómo te sientes ahora? A lo que me responde que mucho mejor.

3.1.3 Tercera sesión (abril 15 del 2016)

Recibo a E.P.C. quien me comenta que se siente bien porque acabó de tirarle un zapato en la cara a un niño que le caía mal. Odia a los niños pequeños por ser muy ruidosos.

Yo le pregunto: ¿Este niño pequeño te hizo algo? No responde. Le pregunto: ¿Cómo te sentiste tú, al pegarle con un zapato al niño pequeño? Responde: Me sentí bien, porque me estaba fastidiando su voz ruidosa y tenía tanta rabia en ese momento, que decidí tirarle el zapato. Me sentí mejor, me desahugué por la rabia que me hacía sentir ese niño. Le pregunto: ¿hubo alguien que supiera que habías golpeado al niño? Me respondió que no. Se reía mientras me lo contaba. Retomé nuevamente en lo que habíamos quedado la sesión pasada.

Le dije: Habíamos acordado, que íbamos a hablar un poco sobre la rabia que sientes hacia tus padres. ¿Cuéntame un episodio que hayas vivido con ellos, en el que te hayas sentido con mucha rabia e impotencia? El paciente cierra los ojos, como no queriendo hablar de su familia. Se recuesta en el sofá; con la expresión en su cara de desagrado, dice: odio a mis padres.

Comentó un episodio cuando él era niño, donde sus padres, lo agarraron fuertemente. El trato de escaparse, pero no pudo. Tiró patadas, pero no pudo hacer nada ya que ellos eran más fuertes que él y le pegaron con la correa. Dice, que supuestamente eso debería estar solucionado, ya que ocurrió hace muchísimos años. Pero sigue diciendo “tengo mucha rabia, ya que cada vez que uno de ellos me trata fuerte, recuerdo ese episodio”. Ahora yo te voy a preguntar a ti, le dije: ¿cómo crees que se sintió ese niño al que le lanzaste el zapato en la cara? Me miró seriamente a los ojos fijos, hizo una pausa. Me dijo, mal. ¿Sabes porque te estoy preguntando esto? Le pregunté. No, me responde. Le digo: porque eso que le acabas de hacer a ese niño, es lo mismo que tus padres hicieron contigo hace años. ¿Cómo te sientes ahora al saber eso? Me responde: mal. Le digo: que bueno que te sientas mal y que bueno que podamos hacer algo al respecto. Nuevamente le dije. Muy bien, en la sesión pasada cuando te pregunté, ¿Qué es lo que deseas para ti? me respondiste, conocerme a ti mismo mucho más y también quiero más tranquilidad y jugar video juego todo el día. Le pregunto: que sensaciones experimentas cuando juegas video juegos. Contesta: Siento libertad de hacer lo que quiero, me siento poderoso, puedo manejar y resolver los niveles de los juegos.

Le digo: muy bien, todas esas sensaciones que experimentas en los video juegos, es porque sientes mucha frustración; ya que todas esas sensaciones de poder, libertad, que te hacen sentir poderoso no las puedes llevar a cabo en tu vida cotidiana. Me dices que al niño que le tiraste el zapato en la cara se sintió mal. Pero me dices que el niño no te respondió, no te dijo nada, solamente te miró y se puso a llorar. No te parece que ese niño experimentó impotencia, frustra-

ción, rabia, de no poderse defender ¿porque tú eres más fuerte que él?

Me responde: “sí, ahora me doy cuenta. En ese momento no lo vi de esa manera, me siento mal, es que tenía mucha rabia y simplemente me deje llevar por mi instinto”. Le pregunto: si pudieras hacer algo al respecto en este momento para cambiar la situación del pasado ¿qué harías? Imagínate que tuvieras control del tiempo. Me responde: No le tiraré el zapato. Le digo: pero estabas enojado en ese momento y no estabas manejando bien tus emociones por eso atacaste al niño. Pero ahora estas tranquilo aquí conmigo y manejas muy bien tus emociones; te has dado cuenta que hiciste mal. ¿Te sientes tranquilo, te sientes bien en este momento? Me responde que sí, asintiendo. Le digo: tienes que manejar mejor tus emociones, antes de actuar. Pero eso no es fácil, eso te cuesta trabajarlo. Me dijo que se lleva para la casa de esta sesión, que va a reflexionar mucho más sobre las cuestiones de su vida cotidiana.

3.1.4 Cuarta sesión (abril 22 del 2016)

El paciente quien acude a terapia y manifiesta un problema que lo disgusta y lo aqueja: la iglesia y su asistencia obligada.

El paciente es el mayor de los hijos, que no es cristiano y se declara ateo.

Los padres lo obligan a que todos los domingos tiene que ir a la iglesia, sumándole a esto tener que despertarse temprano, que para él es tedioso y motivo de discusión en su casa. Es parte de su confort.

Para los padres es fundamental que el joven no falte un solo domingo a la iglesia.

Resulta repulsivo para el paciente, que a su edad se le obligue a asistir a un templo en el cual no se siente ni a gusto ni identificado. Siente rechazo hacia las personas que van a este culto y le fastidia relacionarse con la gente de la iglesia.

Manifiesta que el pastor es una persona intolerante y está en desacuerdo con el sermón de éste. La madre le dice que no se puede discutir con el pastor y que obligatoriamente tiene que escuchar lo que éste hable en el pulpito.

¿Podrías contarme un episodio desagradable que hayas vivido ahí? Se me quedo mirando muy fijamente a los ojos, guarda silencio y dice: ¿Estaría bien sacrificarme por otros?; dice el paciente: que lo que quiere decir con esto es que tiene ganas de gritarle a ese pastor y a toda esa comunidad; todo lo que él siente y piensa de ellos. Quisiera ofenderlos, explotar, pero no puedo; tengo que sacrificarme por mi mamá.

En un momento lo noté confundido queriéndome decir algo más profundo; pero no hallaba las palabras para conectarse con su experiencia.

Luego de una pausa me dice, no tan seguro de lo que está diciendo “Creo que soy gay”.

Al mismo tiempo confirma que le tiene mucha rabia al discurso del pastor porque es homofóbico, él quería gritarle al pastor y a toda la comunidad de la iglesia, que él era gay y que todo lo que el pastor decía, era estúpido.

En ese momento intervine y le dije: si eres gay, no te preocupes, tú puedes tener la orientación sexual que tu desees. Eres humano, eres sensible.

¿Cómo te sientes?

Me contesta: que se siente vivo y libre.

Le preguntó: ¿Tu madre sabe que eres gay, yo puedo hablar con ella si tu deseas?

El joven hace una pausa y me responde: yo voy a decirle la verdad “yo no soy gay”; lo que quise decirle era que quería gritarle al pastor que yo era homosexual; quería manifestarle que estaba en desacuerdo con él. Al finalizar la sesión quedamos de acuerdo en tocar ciertos temas que a él le disgustaban con sus padres; esa era una forma de ayudarlo.

Se despide de la consulta, tranquilo y se retira.

3.1.5 Quinta sesión. (mayo 13 del 2016)

Sesión con los padres. Invito a los padres a pasar, se nota menos tensión en el ambiente. La madre está relajada, ha seguido las recomendaciones y me manifiesta que está tratando a su hijo como un adulto y no como un niño. Que todavía en ocasiones reconoce, que lo sigue regañando fuerte; pero le suele pedir disculpas. El cambio que ha tenido su hijo es notorio; ha mejorado el rendimiento académico, se torna reflexivo, es más comunicativo, está poniendo una alarma todos los días para levantarse temprano, agradece el trabajo que se ha venido desarrollando con él. Le comento que lo que el paciente había manifestado en la sesión anterior. Fue franco manifestando acerca de la obligación dominical de asistir a la iglesia.

Aproveché el momento y le dije a la madre: ¿sabe lo que su hijo me ha dicho a mí? Que él se sacrifica por ustedes. El padre responde que ese es el deber de él porque esas son sus costumbres y obligaciones. A lo que yo les conteste: puedo entender que para ustedes es importante la religión, pero saben muy bien que para su hijo no significa nada la religión y que no le encuentra sentido a ir todos los domingos a la iglesia. Si ustedes quieren que su hijo sea creyente y tenga sus costumbres religiosas; no lo están haciendo bien y él va a rechazar más sus creencias; porque lo están presionando a que vaya obligado. ¿Ustedes saben la diferencia entre espiritualidad y religión?, les explico, la espiritualidad es sentirse a gusto con lo que se hace; de nada sirve la religión sin espiritualidad; ¿Qué sentido tiene?

Finalmente, con los padres llegamos un acuerdo, que en ocasiones no iría a la iglesia como premio de su rendimiento académico y disciplinario. Qué no se ejerciera más presión; si no estaba de acuerdo con el sermón del pastor, se le daría un espacio en casa, para que manifestara como se sintió en el ambiente; si estuvo o no de acuerdo con el sermón; le dije que hablaran de la iglesia como una red social de apoyo, donde puede conocer otras personas, pero que no sea un lugar de imposición.

3.1.6 Sexta sesión (mayo 27 del 2016)

Ingresa el paciente y llevamos a cabo en mutuo acuerdo, la técnica de la silla vacía.

El paciente descarga toda su ira, hacia su padre, madre, reverendo, comunidad, colegio; profundizando la relación con el padre manifiesta que se siente incomprendido por este, que lo odia, que el padre es muy ofensivo y descalificativo; que se quiere ir de la casa. Sobre las quejas a su madre observó que sigue irritado, que se sigue mostrando quejumbrosa, controladora y obsesiva. Respecto a la iglesia, el ambiente ha mejorado muchísimo; ya habla menos de ese tema. No le preocupa; me dice que antes se sentía frustrado e incómodo; todavía se sigue sintiendo mal, pero lo ha aprendido a manejar. Se ha dado cuenta gracias a la psicoterapia lo solitario que es él; y de que era muy lógico y racional, además de considerarse a sí mismo como insensible; sin embargo, en la actualidad se ha vuelto mucho más reflexivo y ha cobrado interés en tener vínculos cercanos, situación que antes no le importaba. En resumen, se ha dado cuenta de su propia sensibilidad. También ha manifestado leve preocupación sobre la incertidumbre en el futuro. Está menos en el mundo de los video juegos y socializa mucho más; no obstante, el ama a los video juegos porque hacen parte de su vida, por eso se ha dado cuenta también, de que no debe descuidar sus vínculos sociales. En el colegio, aunque muestra apatía para entablar vínculos sociales; se está preocupando por mantenerse más sociable. De hecho, manifiesta; que uno de sus amigos repitió un año. Está pensando en invitarlo a jugar video juegos a su casa; le gustan mucho los juegos de cooperación. Le pregunté cómo se va de la sesión. Le cuesta mucho hablar de sus emociones) confundido, sensible; pero finalmente responde, me voy pensativo.

4 ANÁLISIS DEL CASO

El proceso experiencial del esquizoide implica principalmente la amenaza vital de la vulnerabilidad de su intimidad. Debido a este profundo temor, los pacientes con personalidad esquizoide como E.P.C. experimentan la relación con el terapeuta como una amenaza teñida de temor que era el aspecto que le impedía desarrollar la confianza que tanto se necesitaba en la relación terapéutica como pieza clave para el encuadre y posterior enganche terapéutico. Trabajar con E.P.C. fue un verdadero reto terapéutico porque como foco central de la psicoterapia se tenía que tener en cuenta el reconocimiento de las propias emociones que emanaban bidireccionalmente entre paciente y terapeuta y que se enmarcaban en un contexto de impotencia por parte de E.P.C. al experimentar la imposibilidad de relacionarse íntimamente con su encuentro con el terapeuta y por la sensación de inutilidad que vivenciaba el terapeuta frente a la dificultad de propiciar el encuentro con E.P.C.; dos aspectos que podían interferir negativamente en el proceso.

Ser sensible a los cambios sutiles y acoger las reacciones emocionales de E.P.C. se convirtió en el sentido que le daba directriz al encuentro terapéutico porque sería esta acogida la que propiciaría en E.P.C. la disminución lenta y gradual de su imposibilidad de vincularse con el terapeuta. La incapacidad de E.P.C. para relacionarse y comunicar sus estados internos, imposibilitaba la apertura de su ser-en-el-mundo y lo

hacía desconocer al terapeuta como interlocutor válido al sentirlo ajeno y extraño a su vida. El precio de esa no apertura frente al terapeuta ocasionaba en E.P.C. la angustia existencial propia del ensimismamiento que le causaba el temor al relacionamiento con los demás.

La empatía del terapeuta con E.P.C. implicó el despliegue de la sensibilidad y la disposición de él para captar el sentido de la experiencia de E.P.C. y también de la habilidad verbal para expresarle su comprensión en un lenguaje sencillo, claro y directo que lograra propiciar un contexto afectivo que se enmarcara en el tan necesario encuentro terapéutico. La empatía fue un elemento totalmente esencial en el encuentro terapéutico con E.P.C. Así mismo, hacer uso del "aquí y el ahora" fue otro elemento que permitió al terapeuta comprender el modo en el que se relacionaba E.P.C. como ser-en-el-mundo. Durante los primeros encuentros, E.P.C. sólo manifestaba con su lenguaje corporal lo que solía experimentar cuando entraba en contacto con las demás personas, especialmente en su contexto escolar que además de exigirle un rendimiento académico, le exigía contacto imperativo con los otros.

La utilización de los saberes del terapeuta se constituyó en pieza clave para poder comprender los distintos momentos de la psicoterapia con E.P.C. Saber acoger, implicó establecer un vínculo afectivo de apertura y libre de prejuicio que iba poco a poco replanteando el acogimiento necesario para establecer el encuentro terapéutico. Saber acompañar y saber escuchar, se vieron reflejados en respetar los silencios de E.P.C. y en propiciar el despliegue de vivencias, pensamientos y emociones a pesar de sus evasivas frente a la conexión con él mismo y con el terapeuta. El continuo ejercicio de los saberes permitió el grado, cada vez más alto, de apertura que condujo a E.P.C. a poder hablar de su experiencia como miembro de una familia y de un contexto social, del que, por sus defensas esquizoides, se experienciaba como desconectado. Al habar de estas vivencias, E.P.C. logró abrir una vía de intervención terapéutica: la creación de sentido que le favoreció al terapeuta irle mostrando a E.P.C. lo que iba afirmando intencionalmente con cada decisión y comportamiento que llevaba a cabo.

Para la comprensión del proceso experiencial de E.P.C. hubo que comenzar por clarificar cómo éste experimentaba, participaba y asumía sus propias vivencias, es decir, tener en cuenta como se relacionaba e intimaba con sus propios deseos, valores, intencionalidad, voluntad y significados, para de esta forma poder generar la comprensión de la base afectiva que le daba sentido a la experiencia de E.P.C. y al mismo tiempo, descubrir los valores que afirmaba y que lo hacían responsable de la creación y mantenimiento de los síntomas de su psicopatología base.

Según Yalom (1984) "la enfermedad es un modo ineficaz y desesperado para evitar la angustia resultante de la confrontación con los supuestos básicos de la existencia tales como la libertad, voluntad, responsabilidad, el sentido, la muerte y el aislamiento existencial". En este sentido E.P.C. le temía exacerbadamente a la dependencia a los demás y a la cercanía de quienes lo rodeaban en su cotidianidad porque todo contacto era percibido por él como una

violación a su integridad, lo que hacía apareciera una sensación abismal de vacuidad y soledad que tal como lo señala Yalom (1984), aparecía como la tensión que obedecía frente a la consciencia de aislamiento y deseo de contacto y protección. Así que, en pro de evitarse este malestar psicológico, E.P.C. desplegó sus maniobras que le permitían distanciarse de todos los demás y sentir apatía frente a ellos; de esta forma, se aseguraba de que nadie se le acercara demasiado. Esto dejaba a la luz la angustia propia de su preocupación existencial más básica: la consciencia del absoluto aislamiento y el deseo perentorio de contacto y protección inherente a su condición de ser-en-el-mundo. Indiscutiblemente, E.P.C. no podía evitarse del todo la proximidad con quienes le rodeaban, así que adoptó una actitud de defensa, apatía, hostilidad, y pseudo desinterés por los otros, pero con el más genuino fin de protegerse de su sensación de angustia amenazante que vivenciaba al establecer vínculos con los otros; así que la agresividad se convirtió en un elemento totalmente presente y constante en el modo de relacionamiento que E.P.C. tenía que con los que le rodeaban, principalmente con sus pares etéreos, familiares y profesores. Frente a esto, Riemann (1996) sugiere que:

“Entre los sujetos esquizoides, la agresividad desempeña, a menudo, otra función distinta de la defensa y protección. De acuerdo con la antigua acepción del vocablo latino ad-gredi (= aproximarse a alguien) es para ellos un medio, con frecuencia, el único de establecer contacto. La agresión puede convertirse entonces en un modo de pretender y solicitar algo” (p. 41).

E.P.C. temía a los encuentros personales y era por esta razón que objetivaba todas sus relaciones humanas. A voluntad anulaba sus deseos de contacto, con el objetivo de no verse forzado a establecer intimidad con alguien. Así era como lentamente había perdido el sentido de desear entrar en contacto con los demás y era esto, la fuente generadora de todas sus sensaciones vacías de soledad, vacío, insignificancia, apatía, impotencia, frustración, insatisfacción y desesperación que al mismo tiempo lo llevan a afirmar deseos ciegos de cercanía que al no lograrlos, lo ponían en contacto directo con la consciencia de su absoluto aislamiento y sensación de insignificancia y era todo este mecanismo el que lo había llevado a desarrollar la sintomatología esquizoide.

E.P.C. negaba desear y usaba la apatía para defenderse de sus deseos y capacidad de decisión. De esta forma no se permitía vivir todo lo que deseaba y en su contrario, lo reprimía, utilizando su voluntad para permanecer en un estado de absoluta quietud y aislamiento que le generaban cada vez su sensación exagerada de soledad e impotencia. Así que el desear, desaparecía en E.P.C. y como defensa frente a esto, aparecía la apatía como la incapacidad para desear y decidir y entonces aparecía el temor a los proyectos, a las nuevas posibilidades de establecer encuentros interpersonales y a las situaciones que implicaran riesgos (hiper restrictivo), porque sentía miedo de sentir; por eso se retiraba de sí mismo, para defenderse de su sensibilidad. Al respecto, Rollo May (1997) plantea que, si el ser humano decide no desarrollar sus potencialidades, huyendo de todas aquellas situa-

ciones que le demandan el desarrollo de las mismas, se desencadena en él, las sensaciones de culpabilidad, apatía, hostilidad y vacío frente a su existencia. Todos estos aspectos se mantenían en E.P.C. de manera severa y se habían mantenido en el tiempo, afectando su desarrollo psicoafectivo en las áreas, personal, familiar, relacional y escolar. Sin embargo, pese a todo esto, en el vínculo terapéutico se logró abrir la posibilidad de que E.P.C. vivenciar todo aquello que tanto le angustiaba que tal cual lo expresa May (1977):

“La función del psicoterapeuta no consiste en curar los síntomas neuróticos del paciente, aunque este es el motivo que induce a la mayoría de la gente a acudir a terapia. En realidad, el hecho de que éste sea su motivo refleja su problema. Pero la psicoterapia se ocupa de algo más fundamental, que es ayudar a la persona a que experimente su existencia como real; cualquier curación de los síntomas que esté llamada a durar debe ser subproducto de esto” (p. 116)

CONCLUSIONES Y DISCUSION

En la presente investigación, los principales hallazgos hacen referencia a la aproximación de la comprensión y el proceso psicoterapéutico, del caso de un joven de 17 años de edad, desde la práctica fenomenológica (método terapéutico fenomenológico existencial que percibe primero lo que se muestra del fenómeno para después comprenderlo). La terapia y su abordaje, va direccionado a confrontar al paciente para facilitar la comprensión de sí y de su situación actual, haciendo que pase a voluntad, a la acción desde una responsable toma de decisión. Entonces, el problema fundamental en este caso específico, se debe a que los individuos con el tipo de personalidad esquizoide, presentan mayores dificultades en las relaciones interpersonales, por lo cual, esta investigación se manifiesta como un intento de resolver el interrogante ¿Como la relación terapéutica centrada en el aquí y el ahora y la presencia del terapeuta pueden potenciar cambios en la experiencia vital de un joven de 17 años de edad que presenta y vivencia rasgos característicos de una personalidad esquizoide?.

Esta investigación requirió el uso de una metodología rigurosa e implacable que correspondiera a los objetivos que se plantearon inicialmente, y constó de un diseño de “estudio de caso único”, que tuvo como finalidad reunir información minuciosa a lo largo de un amplio periodo sobre el sujeto investigado. Se estructuró un marco teórico dirigido hacia los fundamentos de la terapia fenomenológica-existencial; aplicable al caso clínico y a su metodología en la medida en la que el material que surgía en las sesiones terapéuticas logró darle una respuesta al área problemática, que no necesitó una muestra grande de individuos, ya que era suficiente con lo que se mostró en un solo caso.

Es sabido que no hay manuales o directrices que señalen específicamente pasos para cada caso en particular, o qué es recomendable preguntar a lo largo de las sesiones, ya que la efectividad de una terapia va a depender principalmente de la experticia del terapeuta y del vínculo establecido entre ambos, siguiendo a May (1977):

“la tarea sustancial y la responsabilidad del terapeuta consiste en comprender al paciente como un ser y como un ser en el mundo. Todos los problemas técnicos están subordinados a esta comprensión, sin ella, los recursos técnicos son impertinentes en el mejor de los casos, y en el peor un procedimiento para sistematizar la neurosis; y con ella se echan los cimientos para que el terapeuta pueda ayudar al paciente a reconocerse y a experimentar su propia existencia.”

El trabajo con este paciente soporta y respalda el planteamiento de May (1977) en lo referente al objetivo de la terapia desde la perspectiva de la psicología existencial, pues si bien, no todos los síntomas del paciente desaparecieron; en cada sesión terapéutica se fue abriendo un espacio que le permitió a éste paciente poder hablar de sus angustias más íntimas frente a aquello que se le manifestaba como apatía, que no le permitía el contacto con los otros y además complicaba su desempeño académico y sus relaciones familiares, llevándolo al consultorio como una queja hacia los otros (su familia, sus profesores, sus compañeros de clase. Esto se convirtió en una pregunta íntima en relación a su propia existencia y el lugar donde él estaba queriendo ubicarse en el mundo. Rogers (1951) señala tres condiciones básicas para un cambio terapéutico: aceptación incondicional, empatía y autenticidad y resaltó que la actitud del terapeuta es central para el éxito de terapia más que alguna técnica en particular, lo que se reafirma en el proceso psicoterapéutico con E.P.C., en el que las aptitudes terapéuticas de saber acoger, escuchar y acompañar, constituyeron la base de cada logro durante los encuentros con el paciente.

La práctica clínica que llevamos a cabo requiere personalizar aún más la relación con los pacientes, como terapeutas es indispensable tomar las decisiones con base a los datos generados por la investigación. La realización de esta, a través del estudio de caso como una herramienta permitió dar cuenta de la relación terapeuta-paciente con un individuo con personalidad esquizoide y cómo la presencia del terapeuta y una terapia centrada en el aquí y el ahora, promueven que el paciente llegue a un grado de apertura que lo lleve a explorar su malestar ya no en función de quejarse de los otros, sino ubicándose como un ser responsable de su deseo y su voluntad.

El presente trabajo, representa un punto de partida a otras investigaciones que examinen a mayor profundidad la vivencia esquizoide; la pregunta orientadora que guio la realización de este trabajo fue resuelta a partir del análisis de las distintas sesiones y soportada a partir de los planteamientos de varios autores de la psicología existencial y pretendió, de esta forma, resignificar y generar nuevos aportes a la práctica de la psicoterapia fenomenológica existencial con pacientes con personalidad esquizoide.

Referencias bibliográficas

American Psychiatric Association. (2000). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders DSM-IV-TRTM*. Washington, USA: Author.

Becker, C. S. (1992). *Living and Relating. An introduction to Phenomenology*. California, USA: Sage Publications.

Binswanger, L. (1977). La escuela de pensamiento de Análisis Existencial. En R. May, E. Angel & H.F. Ellenger (Eds.),

Existencia, una nueva dimensión en psiquiatría y psicología (pp.235-261). Madrid: Gredos.

Dávila H. (1995). La salud mental. *Boletín de PREID*, 11-2 De Carvalho, R. (1992). The Humanistic Ethic of Rollo May. *Journal of Humanistic Psychology*, 32(1), 7-18.

De Castro, A. & García, G. (2008). *Psicología Clínica: Fundamentos existenciales*. Barranquilla, Colombia: Ediciones Universidad del Norte.

De Castro, A. & García, G. (2011). *Psicología clínica. fundamentos existenciales* (2a ed.). Barranquilla, Colombia: Ediciones de la Universidad del Norte.

De Castro, A. (2005). Comprensión cualitativa de la experiencia de ansiedad. *SUMA Psicológica*, 12(1), 61-76.

Dorr, O. (1995). *Antropología Psiquiátrica*. Santiago de Chile, Chile: Editorial Cuatro Vientos.

Ferrer, A., Londoño, N. H., Álvarez, G. E., Arango, L. M., Calle, H. N., Cataño, C. M... & Peláez, I. C. (2015). Prevalencia de los trastornos de la personalidad en estudiantes universitarios de la ciudad de Medellín. *Revista de Psicología Universidad de Antioquia*, 7(1), 73-96.

Gradillas, V. (2002). *Trastornos de la personalidad en la práctica médica*. Barcelona, España: Masson.

Grant B.F., Hasin, D.S., Stinson, F.S., Frederick, S., Dawson, D.A., Chou, S.P., Ruan, W.J. & Pickering, R.P. (2004). Prevalence, Correlates, and Disability of Personality Disorders in the United State: Results from the National Epidemiologic Survey on Alcohol and Related Conditions. *Journal of Clinical Psychiatry*, 65(7), 948-958.

Heidegger, M. (1974). *¿Qué es la metafísica?: ensayos; Ser, verdad y fundamento*. Buenos Aires, Argentina: Siglo Veinte.

López, A. M. (2017). *Existencia & Psicoterapia: de la psicología sin objeto al saber-hacer en la clínica psicológica existencial*. Río de Janeiro, Brasil: IFEN.

Martens, W. (2010). Schizoid personality disorder linked to unbearable and inescapable loneliness. *European Journal of Psychiatry*, 24, 38-45. dx.doi.org/10.4321/S0213-61632010000100005.

Martínez, M. (2001). *Comportamiento humano: nuevos métodos de investigación*. México: Editorial Trillas.

May, R. (1963). El surgimiento de la Psicología Existencial. En R. May (Ed.). *Psicología Existencial*. (pp. 9-58). Buenos Aires, Argentina: Gedisa.

May, R. (1977). *Análisis y significado del movimiento existencial en psicología; y contribuciones de la psicoterapia existencial*. En: R. May, E. Angel & H.F. Ellenberger (Eds.)

Existencia, una nueva dimensión en psiquiatría y psicología (pp. 19-122). Madrid, España: Gredos.

May, R. (1977). *Existencia*. Madrid, España: Editorial Gredos.

May, R. (1983). *El hombre en busca de sí mismo*. Buenos Aires, Argentina: Central.

May, R. (2000). *Amor y voluntad*. México: Editorial Gedisa.

Mearns, D. & Thorne, B. (1988). *Person-centred counselling in action*. London, UK: Sage Publications.

Merleau, M. (1962). *Phenomenology of perception*. New York, USA: Routledge.

Merleau, M. (1962). *The visible and the invisible*. Evanston, USA: Northwestern University Press.

Millon, T. & Davis, R. (1998). *Trastornos de la personalidad. Más allá del DSM-IV*. Barcelona, España: Masson.

Moon, B. (2009). *Existential art therapy: the canvas mirror*. Springfield, USA: Charles C. Thomas Publisher.

Oldham, J. M., Skodol, M. & Bender, D. (2007). Tratado de los trastornos de la personalidad. Barcelona, España: Masson

Penado, M. & González, D. (2015). El trastorno esquizoide de la personalidad en la jurisprudencia penal del Tribunal Supremo español. *Anuario de Psicología Jurídica*, 25, 81-85.

Riemann, F. (1996). *Formas básicas de la angustia*. Barcelona, España: Herder.

- Rodríguez, G (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga, España: Editorial Aljibe.
- Rogers, C. (1978). *Terapia, personalidad y relaciones interpersonales*. Buenos Aires, Argentina: Nueva Visión.
- Rogers, C. R. (1951). *Client-centered therapy: Its current practice, implications, and theory*. Boston, USA: Houghton-Mifflin.
- Romero, E. (2003) *El inquilino de lo imaginario: Formas malogradas de existencia*. Santiago, Chile: Editora Norte-Sur.
- Romero, E. (2003). *Neo-génesis: el desarrollo personal mediante la psicoterapia*. Sao Paulo, Brasil: Editora Norte-Sur.
- Rothstein, S. (1988). *Orientacio Shock Wave*. California, USA: Continental Publications.
- Sánchez, A. (1994). *Psicoterapia humanística un modelo integrativo*. Argentina. Editorial Paidós.
- Schneider, K. (1998). *Existential processes. Handbook of experiential psychotherapy*. En: L. Greenberg, J. Watson & G. Lietaer. *Handbook of Experiential Psychotherapy* (pp. 103-120). Nueva York, USA: The Guilford Press.
- Signorelli, S. La revalorización de la vida a través de la terapia. *Revista Latinoamericana de Psicología Existencial. Un enfoque comprensivo del ser*, (4).
- Spinelli, E. (2000). *The interpreted world: An introduction to phenomenological psychology*. London, UK.: Sage Publications.
- Van Kaam, A. (1966). *The art of existencial counseling*. USA: Dimension Books.
- Yalom, I (2008). *Mirar al sol*. Bueno Aires, Argentina: Emecé.
- Yalom, I. (1984). *Psicoterapia existencial*. Barcelona, España: Herder.
- Yalom, I. (2000). *Psicoterapia existencial y terapia de grupo*. Barcelona, España: Editorial Paidós.
- Yalom, I. D. (2004). *El don de la terapia*. Santiago, Chile: Emecé.

Curriculum

Flórez-Donado, Jennifer Paola:

Magister en Psicología, Profesora, investigadora, Universidad de la Costa, Barranquilla, Colombia.

Correo de contacto: florezdonado@gmail.com

Arrieta-López, David:

Magister en Psicología con profundización en clínica. Universidad del Norte, Barranquilla, Colombia.

Correo de contacto: davidarrietal@yahoo.com

De Castro-Correa Alberto Mario:

PhD. En Psicología. Decano de Ciencias Humanas y Sociales. Universidad del Norte, Barranquilla, Colombia.

Correo de contacto: amdecast@uninorte.edu.co

Fecha de entrega: 26/01/18

Fecha de aceptación: 15/02/2018

Comentario de libros

El sentido para Ludwig Binswanger y Viktor Frankl Presagios de sus modos de haber sido

autor: Pablo Rispo

El abordaje de Pablo Rispo sobre la biografía (2° parte)

Prof. Emilio Romero
Joinvielle, Brasil

Algunos conceptos fueron dialogados con Susana Signorelli y nos pareció importante compartirlos con los lectores. Figuran en itálica

5. La aplicación del modelo a dos personas: Binswanger y Frankl.

Todos los planos de la existencia ya indicados son examinados en relación a los dos personajes. Cada uno de ellos nos permite aprehender aspectos significativos de las respectivas vidas y sus reflejos en su visión del mundo y en el sentido que dieron a sus vidas. Inclusive estos planos son caracterizados en sus aspectos esenciales. De este modo el lector poco o nada familiarizado con este enfoque entra en seguida en la comprensión del mundo a ser elucidado. Vea:

“Este mundo de realidades generales de la inmediatez de la vida corriente, constituye la trama de la *Lebenswelt* y en ella encontraremos los valores primarios de la familia, de las relaciones amistosas.” Rispo.

La cuestión del sentido es un tema común en estos dos autores -y un tema central en una psicología comprensiva, de cuño existencial o no. En este capítulo es donde se hace más claro las divergencias existentes entre Rispo y Frankl. Divergencias que reaparecen en otros tópicos igualmente centrales en el creador de la logoterapia. Uno de estos tópicos es la espiritualidad, tema que sirve de fundamento y de equipaje al terapeuta austriaco. Es lo que permite entender igualmente el relativo auge de su propuesta en los medios religiosos. Lo interesante del enfoque rispiano es cómo establece la *génesis de sentido* de las ideas y vivencias que animan la visión del mundo de los dos autores.

“El sentido que ambos autores han dado a sus respectivas existencias y coexistencias, se halla en una práctica semejante de sus modos de actuar dedicada esencialmente a la coexistencia.

Quien hace de su vida, de su existencia una constante dedicación al mundo de la ajenidad, a la coexistencia, es muy probable que por el camino de ser-para-la-vida o ya sea por la ruta de ser-para-la-muerte, termine cumpliendo el sentido intrínseco y esencial de justificar el transitar y el transcurrir por este mundo en la medida de cuidar el propio ser a través de cuidar el ser del otro.” En otras palabras, los dos fueron terapeutas. Rispo (Cáp. IV).

Tanto en el caso de Frankl como en el de Binswanger el legado cultural y el *ethos* familiar, notoriamente diferentes en estas dos personas, permiten entender su modo de enfrentar algunas peripecias de su vida. En la historia de Frankl:

“En su génesis de sentido en cuanto “programaciones” originarias se hallaba la concepción del deber ser un buen judío y lo que le era permitido ser como tal, en una contraposición dialéctica de una sociedad nazista que imponía lo que debía ser y era permitido ser en un mundo lo suficientemente agresivo, violento como para terminar siendo un ser confinado a más de un campo de concentración y de exterminio de esa humanidad judaica, cumpliendo casi la constante de un destino trágico de ser-para-la-muerte.” Rispo (Cáp. V).

Si la vida tiene un sentido, que no sea apenas el inherente a los actos —cuya finalidad establece su sentido— existe una manera de ir formándose según sean los eventos y situaciones vividos por la persona en los diferentes planos que configuran su vida. Es esta génesis de sentido lo que nos permite entender la fuerte impregnación religiosa presente en Frankl, hombre criado bajo la custodia de las creencias bíblicas, en la Torá, referencia diaria en la vida de sus padres. Es lo que le permite igualmente sobrevivir la dolorosa experiencia de la persecución nazi. Es lo que permite entender también que haya escogido la espiritualidad como uno de los fundamentos de su concepción del hombre, sin tener una idea clara de lo

que sea comprensible desde una perspectiva reflexiva.

En este enfoque, su autor hace un amplio paralelo de contrastes entre sus dos biografiados, quedando claro para el lector que él se siente más cerca de Binswanger que del austriaco. Las objeciones hechas a la concepción de Frankl son contundentes. Se refiere en especial a los postulados centrales de su doctrina; objeta su concepción del sentido como inherente a la existencia, como si fuera una esencia determinante; objeta la primacía y superioridad de la espiritualidad como la expone Frankl, que la califica "como la verdadera dimensión del ser humano". Por acaso ¿las otras dimensiones son falsas o de segunda mano? se pregunta Rispo. Incluso dimensionar la vida humana sería un intento de medir y diferenciar de acuerdo con criterios cuantitativos, lo que no se justifica, según el entender de Rispo.

Desde su mundo antecedente (*Vorwelt*) hasta su modo de relacionarse con el tú y el nosotros (o *Mitwelt*) y con mayor razón aún en la esfera de su más genuino mundo personal (*Eigenwelt*), la espiral vital de Binswanger se expande y se contrae de un modo bastante diferente a la de Frankl. Su proyecto se direcciona para el ser-para-la vida en activa interacción con su prójimo y su próximo, en un intento de mutuo reconocimiento afectivo. Es lo que muestra en su actividad como médico de internados mentales durante la mayor parte de su vida y en la manera de compartir con ellos.

Es cierto que este psiquiatra suizo usaba la nomenclatura oficial de su profesión, situando a sus pacientes en el cuadro correspondientes, (esquizofrénico, melancólico, etc.) pero sin cosificarlos ni archivarlos como acostumbran a hacerlo muchos médicos todavía en nuestro tiempo.

Los diferentes planos de la existencia de sus biografiados son enfocados atentamente por Rispo, abriéndonos amplias y originales vías de comprensión. Ciertamente todos estos planos se ínter penetran y se influyen mutuamente, como acontece igualmente con las dimensiones existenciales por mí expuestas en líneas posteriores. Al enfocar el mundo de la vida cotidiana señala que éste "da la principal condición de comenzar a emocionarse, sentir, saber qué hacer y pensar como para constituir, en un espacio-tiempo, la unidad funcional de sentido para organizar y estructurar la propia subjetividad y la de los demás seres humanos." Rispo. En la *Lebenswelt* el hombre se configura como ser-en-el-mundo y como diálogo co-existencial.

La *subjetividad* – sustantivo propuesto por Rispo para referirse al sujeto en la compleja trama de sus vivencias- propia y ajena es la que posibilita la *historicidad posible*.(**) El juego de posibilidades que disponemos "a la mano", cada ser humano es lo que permite constituirse y estructurarse en la coexistencia como para terminar siendo dueño de la propia existencia.

Rispo propone como subtítulo de su estudio *pre-sagios de los modos de haber sido*. Se me ocurre que hay dos maneras de entender este título. Puede entenderse que en la vida de una persona hay pistas que permiten prever los futuros pasos que irá dando la persona. Puede ser entendido también como las pistas que dejó de su vida, permitiéndonos así una visión de lo que podemos saber de ella. La primera alternativa sugiere que hay condiciones, actitudes, opciones, formas de compromisos, modos de vincularse y de coexistir, proyectos: todo esto prefigura de alguna manera la dirección de su caminata, no importa cuanto énfasis se ponga en su libertad –su libertad siempre aparece como condicionada.

Cambiaría el término condicionada por situada. La situación es algo a asumir pero no le otorga condición a mi libertad, la condición parece como algo inevitable. La muerte es algo inevitable pero mi reacción ante esa situación límite es variable de un ser a otro y en el mismo ser según su situación existencial.

6. Dudas y divergencias

No me queda claro hasta qué punto admite Rispo que la libertad para que tenga un sentido precisa de los infaltables determinismos que caracterizan nuestra vida, determinismos presentes en todos los niveles.

Pienso que el concepto de libertad se sustenta en lo que se muestra sin grandes esfuerzos: los seres humanos somos entes de posibilidades, sin embargo, estas posibilidades están sujetas y estimuladas por necesidades, en un juego que solo acaba con nuestra muerte.

Tal vez en este punto reside mi divergencia con él, hasta donde puedo entender la idea de libertad que los escritos de Rispo me transmiten. Yo entiendo los determinismos que acosan al hombre como las *condiciones previa, o presentes*, que configuran su vida; no los entiendo como una causalidad secuencial, sea única o múltiple, como acontece en el plano de la física y de los fenómenos biológicos, aunque entiendo que los determinismos causales de tipo biológico y ecosistémicos también la afectan en grado variable.

Se me ocurre que la idea de ambos es semejante, la diferencia es que la llaman distinto y creo que el término determinismo si no lo aclarás puede dar lugar a confusión justamente por la connotación que tiene el término para las ciencias duras.

Cabe preguntarse cómo se daría el *modelo septagonal* de la *analítica existencial* aplicado a las historias clínicas –los famosos casos de la psicopatología clásica. Ignoro si Rispo ya publicó algún caso de los tratados por él. Hasta donde recuerdo –no tengo a la mano los casos publicados por Binswanger- el autor suizo no es tan exhaustivo en sus historias clínicas si comparado con lo expuesto en este libro. Y tampoco vacila en etique-

tar a sus pacientes con los rótulos de la psiquiatría clásica, cosa que Rispo no acepta.

Binswanger escribió sobre casos en su libro Tres formas de existencia fallida y el caso Ellen West publicado en Existencia de Rollo May.

7. Algunos apuntes críticos y nuevos comentarios.

Susana: ayúdame a esclarecer la cuestión del determinismo en Rispo, que es un asunto que gustaría esclarecer y tú eres la más indicada para hacerlo. Tal vez yo no entienda bien la cuestión y tú consigas verlo por el ángulo que le corresponde. Lo que digo en seguida es provisorio, pues espero conversar contigo este asunto, que para mí es crucial. Para comenzar la conversación, tal vez sería pertinente esclarecer el concepto de causalidad y de determinismo, que parecen estar en íntima conexión, pero podrían ser entendidos de modo diferente, y no ser lo mismo. Pienso que el concepto de influencia de un factor X, o de varios, $X + Z + H$, sean expresable en términos de influencias y no como determinantes. Ayúdame en esta cuestión.

No sé si solo es una cuestión de terminología o estas divergencias son más conceptuales, lo que puedo agregar aquí es que hasta hoy en día, las propias ciencias duras hablan del principio de indeterminación. Desconozco el alcance de esto para la física, pero ya Einstein hablaba de relatividad.

Personalmente yo estaría más inclinada a hablar de influencias que de determinismos. Pablo diría que un evento puede ser, según su fuerza impresiva, el inicio de una génesis de sentido. Poniéndolo en un ejemplo, la muerte de un padre a edad juvenil puede tener una fuerza impresiva de tal magnitud como para cambiar el rumbo de una persona. Hay hijos de padres que han muerto de cáncer que se dedicaron a ayudar a otros que padecen esa misma enfermedad y han creado fundaciones para tal fin. Otros se quedaron sin poder elaborar la pérdida. De no haber sucedido esa situación, uno y otro hubieran tomado otros caminos, la muerte del padre ha sido una génesis de sentido pero no un determinismo.

Considero el abordaje de la biografía propuesto por el Dr. Rispo como un aporte importante para la comprensión de la historia de una vida. Nos ofrece un repertorio de categorías analíticas que iluminan aspectos de la vida humana, aspectos mal comprendidos o dejados de lado por otros autores. Nos ofrece todo un esquema de análisis que da acceso a los factores más importantes presentes en la historia de cualquier individuo.

Sostengo que los fenómenos se ajustan en su movimiento y transformación de acuerdo a principios dialécticos. Uno de estos principios "es la unidad de los contrarios y sus oposiciones y con-

tradiciones como generadores de cambios y transformaciones".

Sostengo que la existencia no está separada *enteramente* de la vida humana entendida como fenómeno biológico ni del ambiente entendido tanto como contexto social y como un conjunto de factores ecológicos. Es cierto que la existencia está *en otro plano*, que permite distanciarse de la naturaleza e inclusive *negarla* constantemente, tanto la propia naturaleza inscrita en el cuerpo como la que está ahí fuera. La idea sartreana de que la existencia es apenas un reflejo del ser, e inclusive la mera intencionalidad de la conciencia iluminando y animando el mundo con su capacidad de significarlo y construirlo conforme a determinados proyectos, no impide que esté sujeta a los determinismos claramente observables. Voy a comentar algunos sólo a título de ejemplos ilustrativos.

-Todas las funciones físicas y mentales (lenguaje, secuencias motoras, control esfinteriano, la capacidad de comprensión intelectual, etc.) se manifiestan de acuerdo con procesos madurativos programados por la especie. Las llamadas edades de la vida implican cambios en el organismo que generan directamente conductas típicas, como es el caso de la madurez de las gónadas sexuales que disparan el apetito sexual, y en el caso de la senectud, inhiben en alto grado el deseo por falta de testosterona. Preciso recordar los cambios emocionales que experimenta un porcentaje considerable de mujeres durante el período menstrual.

-Los estados de ánimo influyen directamente la sensibilidad llevando a la persona a experimentar el mundo de una determinada manera. Y esta manera es claramente condicionada por factores biológicos.

-En la formación del carácter constatamos que factores temperamentales influyen algunos rasgos de manera decisiva.

Todo lo mencionado son las facticidades corporales, ambientales, sociales y todas las que quieras.

Y que decir de todos los cuadros psiquiátricos de probado origen orgánico –como son todas las formas de demencias, las epilepsias, los cuadros maniaco-depresivos, etc. Cuadros que alteran de manera incomprensible –como decía Jaspers- la personalidad del individuo.

Sin embargo el propio Rispo a veces olvida su posición anti-determinista y apela para explicaciones causalistas; en la pág. 172, refiriéndose al ambiente de familia holgada en la cual se crió Binswanger, leemos: "Los hábitos estrictamente alimenticios aportaron con seguridad las proteínas biológicas necesarias para poder ser lo suficientemente capaz como para llegar a ser médico..." Entonces el factor biológico por lo menos ayuda en el desarrollo saludable; y como sería esta ayuda a no ser por alguna forma de causalidad

dad? O debe ser entendida como una mera influencia que en última instancia fue integrada a un proyecto de vida?

No veo la contradicción y tampoco apela a una explicación causalista de ninguna manera, son las posibilidades a la mano con las que pudo construir su mundo.

Notas:

(*) Los principios de una doctrina son los enunciados que sintetizan la concepción que orienta la investigación. Sea en un área determinada, sea en su conjunto. Los principios pueden tener un fundamento empírico del cual derivan inferencias sustentables, o pueden ser evidentes de por sí.

(**) Los autores usan las denominaciones en alemán, siguiendo una práctica ya consagrada.

(1) -Signorelli, Susana (2009): La obra de Pablo Rispo, en un curso sobre Terapia Existencial on line.

(2) En general, entre los colegas que siguen una orientación heideggeriana observamos el rechazo de dos categorías con larga tradición en el campo de la psicología y de la filosofía: la subjetividad y la objetividad. Argumentan que es una dicotomía que ni la fenomenología ni la ontología autorizan. De hecho, la fenomenología estableció el principio de que el hombre es un ser-en-el-mundo, está ahí fuera en el mundo; está ahí por la característica precípua de la conciencia conocida como intencionalidad. En tesis, me parece correcto el principio de la intencionalidad. Sin embargo, pienso que la dicotomía en cuestión es válida, tan válida como otras categorías usadas en sociología y psicología: el mundo público y el privado, lo interior y lo exterior, lo aparente y lo esencial. Lo subjetivo apunta para lo vivido como lo más personal privado e íntimo; lo objetivo como lo más observable y público. Los hechos son objetivos; las vivencias son subjetivas.

No estoy muy de acuerdo con que los hechos son objetivos, casi te diría que no hay una realidad. Todo depende de quien lo mire, de donde lo mire y de cómo lo mire, así por ejemplo, bien sabés que un árbol, es un hecho, pero puede tener múltiples significados para un leñador, para un viajante, para unos enamorados, etc. Un objeto cualquiera, tanto natural o creado por el hombre, se puede convertir en un arma para matar a alguien. Entonces ¿cuál es la realidad, cuáles son los hechos objetivos? Esto es algo que me lo pregunto muchas veces, lo que llamamos realidad, ¿lo es verdaderamente? Y eso que siempre estoy tratando de estar en la realidad despejando la fantasía o al menos, estableciendo bien sus límites. Merleau Ponty me ayuda en esta concepción "No hay que preguntarse si percibimos verdaderamente el mundo, por el contrario, hay que decir que el mundo es aquello que percibimos".

(3) Rispo usa el término subjetividad para diferenciarlo de subjetividad. La subjetividad a la trama compleja de vivencias, trama organizada y en conexión con la trama del mundo. No se postula que ella tenga una primacía sobre el mundo que está-ahí, como acontece generalmente con el concepto de subjetividad, que en la idea común que circula incluso en el vocabulario de los psicólogos tiende a concederle mayores privilegios que a la llamada objetividad.

El concepto de subjetividad lo toma de Heidegger pág. 160 del libro Lo imaginario y la realidad del oncológico, pero no menciona de qué libro lo sacó. Yo y mundo como unidad inseparable, yo soy un yo para mí mismo siendo al mismo tiempo un otro para el otro. Esta conciencia proviene del mitwelt del eigenwelt. La conciencia de sí mismo de ser para el otro.

Referencias bibliográficas:

Rispo, P. (2007). El sentido para Ludwig Binswanger y Viktor Frankl. Presagio de sus modos de haber sido. Bs. As., Argentina: Fundación CAPAC.

Rispo, P. (2001). Por las ramas de la existencia. Fenomenología de las modalidades del ser. Bs. As., Argentina: Fundación CAPAC.

Romero, E. (2010). Recordando com ira e sem perdão –Histórias de vida. S. Paulo, Brasil: Della Bídia.

Correo de contacto:

emiliorom@terra.com.br

Fecha de entrega: 3/04/17

Fecha de aceptación: 5/05/2017